

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL - *CAMPUS OSÓRIO*
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
NÍVEL GRADUAÇÃO

EZEQUIEL NUNES PIRES

ENTRE SILENCIAMENTO E REPRESENTATIVIDADE:
A REPRESENTAÇÃO DA POSIÇÃO-SUJEITO GAY EM *COLÉGIO*, DE RUBEM
FONSECA, E *TERÇA-FEIRA GORDA*, DE CAIO F. ABREU

OSÓRIO

2019

EZEQUIEL NUNES PIRES

ENTRE SILENCIAMENTO E REPRESENTATIVIDADE:

A REPRESENTAÇÃO DA POSIÇÃO-SUJEITO GAY EM *COLÉGIO*, DE RUBEM
FONSECA, E *TERÇA-FEIRA GORDA*, DE CAIO F. ABREU

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - *campus* Osório como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês.

Orientadora: Prof^a. M^a. Ingrid Gonçalves Caseira

Osório

2019

Ezequiel Nunes Pires

ENTRE SILENCIAMENTO E REPRESENTATIVIDADE:
A REPRESENTAÇÃO DA POSIÇÃO-SUJEITO GAY EM *COLÉGIO*, DE RUBEM
FONSECA, E *TERÇA-FEIRA GORDA*, DE CAIO F. ABREU

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia - *campus* Osório como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Letras Português/Inglês

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Carolina Fernandes -
Universidade Federal do Pampa - *campus* Bagé

Kathlen Luana de Oliveira -
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - *campus*
Osório

Ingrid Gonçalves Caseira -
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do do Rio Grande do Sul -
campus Osório (orientadora)

Artigo 6º

Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento como pessoa perante a lei.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Ingrid Gonçalves Caseira, que topou fazer parte dessa luta. Além de orientadora e professora, agradeço por ter se tornado uma amiga, a qual vou sempre lembrar carinhosamente. Obrigado por todo o tempo investido em mim, por acreditar, motivar e seres a inspiração que és. Todo esse trabalho só pode ser construído por eu ter uma pessoa como tu me apresentando a teoria, me instruindo, criticando e construindo comigo.

À Professora Kathlen Luana de Oliveira, por ter sido a semeadora das ideias aqui presentes. Obrigado por teres sido minha primeira orientadora no campo do ensino, contribuindo para que eu me afirmasse enquanto um sujeito de direito e buscasse o mesmo para demais sujeitos. Obrigado por lutares contra o preconceito e me mostrar que é possível uma pedagogia que desconstrói e que visa acabar com as violências e violações sofridas pelas minorias diariamente.

À Professora Maria Augusta Martiarena de Oliveira, que me apresentou, de fato, o universo científico e como funciona. Além de me mostrar o mundo acadêmico, agradeço por me motivares a seguir contribuindo na academia. Agradeço pelos anos em que fui bolsista dos projetos idealizados por ti, os quais contribuíram não só para minha formação de pesquisador, como de docente e pessoa. Tua crítica e aprovação sempre importarão para mim. Também, agradeço às colegas de pesquisa que me acompanharam nessa caminhada, Diana Mauer e Clarice Portela, e que se fazem presentes como grandes amigas e confidentes, com quem eu posso confiar e sempre terei uma dívida de gratidão.

À Professora Luciane Senna Ferreira, grande mestra que soube me cativar com a literatura contemporânea e me motivar cada vez mais a seguir nos estudos pensando o ensino crítico de temas que tangem a nossa sociedade. Agradeço, também, aos demais professores que fizeram parte da minha formação profissional e pessoal.

Aos colegas, por toda a companhia e apoio durante esses anos de curso em que amizades se solidificaram e sempre pudemos contar uns com os outros. Nos melhores e piores momentos da faculdade, vocês se constituíram enquanto sujeitos ouvintes e parceiros para todas as horas. E agradeço, em especial, à Natally Lauthart e à Karen Cinca, duas grandes amigas que construí nos anos da

graduação. Vocês sempre foram meu maior grupo motivacional, a torcida pelo sucesso de cada um de nós estará sempre presente. Amo vocês.

Aos amigos, Vitor Gouvêa e Jéssica Machado e à amiga e afilhada Vitória Porto, por me darem sempre uma palavra de conforto e carinho e dizerem que tudo daria certo. Por estarem disponíveis nos mais diversos momentos para os desabafos e por se apresentarem prontamente em toda ajuda que precisei.

Aos colegas de trabalhos e à chefe Adriana Godinho, pessoa com a qual tenho a honra de ter iniciado a minha vida docente sob sua supervisão. Adri, não tenho palavras para agradecer todo o carinho que sempre recebi, além da confiança em meu trabalho e motivação por continuar minha formação.

Às minhas mães, Ivone, Viviane e Simone, por serem o motivo maior das minhas conquistas. a vocês agradeço imensamente por estarem do meu lado e torcerem com todo o amor a cada segundo. Também, agradeço aos meus irmãos, Tatiane e Gabriel, por partilharem de diversos momentos os quais me fazem perceber que eu preciso continuar lutando.

Ao IFRS, por fim, por ter possibilitado toda a minha formação. Um agradecimento, especial, à equipe do *campus* Osório, cujos membros tive o prazer de conhecer durante esses anos e pude contar para as mais diversas especificidades que eu necessitei durante a minha trajetória. Também, obrigado ao NEPGS por fomentar debates e reflexões sobre os quais esse trabalho discute.

RESUMO

No âmbito artístico e da criatividade, a literatura começa a se tornar, também, um espaço de ouvir e ser ouvido, no caso, ler e ser lido, em que os grupos marginalizados dão um dos primeiros passos, culturalmente, para se sentirem representados e conquistarem não só seus lugares de fala, como também o direito de ser pessoa. Assim, busca-se refletir, neste estudo, sobre os lugares que o sujeito gay ocupa no discurso fictício, sobre a voz que é, ou não, dada a ele nos fatos que o perpassam socialmente, como a homofobia. Busca-se compreender o modo como os sentidos são construídos sobre esse sujeito, procurando refletir sobre as noções de identidade e representatividade no campo da Análise do Discurso Francesa (AD). Este trabalho tem em vista também propor a análise de como se constroem os sentidos no texto literário sob o viés do discurso para que o ensino e aprendizagem de língua portuguesa e literatura seja mais produtivo no que se refere à construção de conhecimentos no campo social, linguístico e literário. Desse modo, o trabalho se divide em três partes. A primeira parte apresenta uma revisão bibliográfica dos conceitos da AD, construindo o dispositivo teórico de análise que será utilizado. No segundo capítulo, serão apresentadas as análises dos contos *Colégio*, de Rubem Fonseca e *Terça-feira gorda*, de Caio F. Abreu, além das construções teóricas acerca do discurso fictício. Por último, busca-se fazer as considerações finais sobre as análises e o trabalho, trazendo reflexões para pensar o ensino de literatura numa visão crítica-social que pense as relações de gênero e sexualidade, temas geralmente não muito abordados em sala de aula.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ensino. Homofobia. Homossexualidade. Literatura.

ABSTRACT

In the field of art and creativity, literature also begins to become a space for listening and being heard, in this case, reading and being read, in which marginalized groups take one of the first steps, culturally, to feel represented and conquer not only their places of speech, but also the right to be a person. Thus, it is sought to reflect, in this study, on the places that the gay subject occupies in the fictitious discourse, about the voice that is or not given to him in the facts that pass through him socially, as homophobia. It seeks to understand how the senses are built on this subject, seeking to reflect on the notions of identity and representativeness in the field of French Discourse Analysis (AD). This work also aims to propose the analysis of how the senses are constructed in the literary text under the bias of the discourse so that the teaching and learning of Portuguese language and Literature is more productive in what concerns the construction of knowledge in the social, linguistic and literary field. In this way, the work is divided into three parts. The first part presents a bibliographic review of the concepts of AD, constructing the theoretical analysis device that will be used. In the second chapter, we will present the analysis of the short stories "Colégio" by Rubem Fonseca and "Terça-feira gorda" by Caio F. Abreu, as well as the theoretical constructions about the fictitious discourse. Finally, it is sought to make the final considerations about the analyzes and the work, bringing reflections to think the teaching of literature in a critical-social view that thinks about the relations of gender and sexuality, subjects usually not much approached in the classroom.

Key-words: Discourse analysis. Homosexuality. Homophobia. Literature. Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	12
1.1 Breves considerações sobre a Análise de Discurso	12
1.2 Sujeito e Ideologia: o processo de produção dos sentidos	16
1.3 Língua, Texto e Discurso: (des)amarrando fios	23
2. LITERATURA E ANÁLISE DO DISCURSO: O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	28
2.1 A escolha pelos autores e pela obra	28
2.2 Literatura e Análise do Discurso	32
2.3 Preparando as análises	35
2.3.1 O gay em Rubem Fonseca	41
2.3.2 O gay em Caio Fernando de Abreu	48
3. REPENSANDO O ENSINO DE LITERATURA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DESTE ESTUDO	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	71
Anexo 1 - <i>Colégio</i> , de Rubem Fonseca	71
Anexo 2 - <i>Terça-feira gorda</i> , de Caio F. Abreu	74

INTRODUÇÃO

O empoderamento das minorias sociais vem sendo sentido em diversos espaços do nosso cotidiano. No âmbito artístico e da criatividade, a literatura começa a se tornar, também, um espaço de ouvir e ser ouvido, no caso, ler e ser lido. É o espaço em que os grupos marginalizados dão um dos primeiros passos, no âmbito cultural, para se sentirem representados de fato e conquistarem seus lugares de fala. Já no âmbito social, esses sujeitos vêm sendo afetados pela política e cultura impostas nacionalmente. O direito à fala, o direito a ter direito e a ser pessoa são acontecimentos ameaçados diariamente.

O artigo sexto da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948) nos traz que “*todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento como pessoa perante a lei.*”. Desse modo, se pode buscar a conscientização e respeito sobre a comunidade LGBT. Ao longo dos tempos, os conceitos acerca de gênero e sexualidade foram/são bastante deturpados. Em uma visão mais estruturalista, o gay é reconhecido como anormalidade, justamente por não se encaixar em conceitos socialmente construídos sobre gênero. A contemporaneidade aponta para rumos pós-estruturalistas em que, cada vez mais, a sexualidade pensada fora dos padrões heteronormativos conquista espaço para constituir a sua identidade e, conseqüentemente, seus direitos.

É nessa luta da minoria social pelo direito a ter uma identidade, o direito de poder se afirmar enquanto pessoa, que muitos conflitos sociais e discursivos aparecem. O sujeito tem o direito de dizer e ser ouvido, desse modo, ressoar sobre os outros e ser identificado enquanto pessoa, por fim, enquanto sujeito de direitos. A escola, nesse sentido, se configuraria como um espaço possível para o sujeito se construir enquanto sujeito de direito.

Tendo isso em mente, o desafio que fica para o professor de literatura é o de elencar os temas que permeiam estes grupos marginalizados: racismo, lgbtfobia, misoginia, machismo. Logo, em relação às obras literárias, que seja possível utilizar a literatura como forma de enriquecer as discussões sobre esses temas e em torno das discriminações dentro de nosso contexto social.

Assim, em um espaço educativo, não somente o estudante de literatura, como também o professor de literatura, passam por dilemas em relação às suas

escolhas no que diz respeito a que obra estudar. Seja a obra que escolherá para seus estudos literários, ou, no caso do professor, a obra que escolherá para estudar com os seus alunos dentro da sala de aula. Isto porque, quando se pensa na literatura escolhida, surgem questões acerca do porquê ser eleito um cânone que não contempla obras representativas da minoria e no que implica elencar essas obras, como também, de que forma pode-se lidar com essa situação de diferentes obras de minoria não serem escolhidas?

Diversos são os textos acadêmicos, por exemplo, que evidenciam personagens de *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, como homossexuais. Porém, o que devemos ter em mente é que o tema estar presente dentro da literatura não significa que aqueles sujeitos estão sendo representados. Não são imagens que a comunidade minoritária quer para se espelhar, se entender como indivíduo. O homossexual aparece na literatura brasileira cedo, na relação de Amaro e Aleixo no romance *O Bom Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha, mesmo que muito estereotipado, atribuindo um papel extremamente feminino ao homem gay.

A literatura produzida pelas minorias é um mundo de descoberta para o leitor, nesse caso os alunos, pois são outros pontos de vista, narradores, personagens, autores. A variedade de pontos de vista é o que enriquece a nossa literatura. O que entristece, porém, é que provavelmente essa literatura não chega a todos. As poucas obras de autoria de minorias que conseguem se elencar importantes, por conta do vestibular, como a de Caio Fernando Abreu (*Morangos Mofados*), só começam, possivelmente, a ser trabalhadas dentro da sala de aula por essa razão.

Conseguir discernir, enquanto professor, o que é realmente importante para o debate dentro da sala de aula é outro ponto a ser considerado. O professor, ao perceber as vozes que estão sendo silenciadas, tem a capacidade de fazer alguma diferença no trabalho com a literatura e tornar, se não a obra, a discussão representativa para a diversidade de alunos com quem lida diariamente. Nesse ponto, também, é que se justifica a motivação e importância deste trabalho: abrir os caminhos sobre a discussão do ensino de literatura.

Logo, é com uma pesquisa no âmbito da Análise do Discurso Francesa (AD) que se busca perceber as vozes da minoria gay dentro da literatura. Ainda, entender como se dá a representação de personagens, compreender os sentidos que são construídos acerca do sujeito homossexual e suas relações sociais, o modo como estão sendo vistos e posicionados na literatura como um reflexo de mundo, através

da língua. Por fim, é possível permitir debates transversais acerca dos temas sociais que permeiam nossa sociedade e que julga-se necessário para a formação cidadã de qualquer estudante.

Vale lembrar que é relativamente recente o trabalho que integra as duas grandes áreas da Letras, a Linguística e a Literatura. Tendo isso em vista, o tema deste trabalho, discutido até aqui, parte do entendimento de que essas duas áreas podem andar conjuntamente para que o ensino e aprendizagem de língua e literatura se torne eficiente no que se refere à construção de conhecimento acerca da cidadania, sociologia e história. Logo, o trabalho com o discurso literário (fictício), no âmbito da AD, possibilita que as duas áreas da Letras se encontrem e subsidiem a pesquisa realizada.

Deste modo, o objetivo maior desse trabalho é trazer a compreensão de que a língua é representativa socialmente, resiste às opressões da maioria e legitima as minorias não representadas socialmente. Sendo assim, a pesquisa se faz importante na medida em que a representatividade, reconhecer as minorias, começa a se tornar cada vez mais necessária nos diversos espaços sociais: dentro e fora da sala de aula do ensino básico, profissional e superior, sendo aluno ou professor.

A pesquisa desenvolve-se, portanto, a partir da leitura bibliográfica da teoria em que se baseia este estudo, a Análise do Discurso, trazendo, no primeiro capítulo, as considerações teóricas necessárias para o entendimento das análises. Em seguida, no segundo capítulo, é discutido o *corpus* e então é realizada a análise do mesmo, procurando compreender como se dão os sentidos em relação à representação da posição-sujeito do sujeito homossexual/homoafetivo (gay) no discurso literário. O corpus eleito para o trabalho é, respectivamente, os contos de Rubem Fonseca, *Colégio* (anexo 1) e Caio F. Abreu, *Terça-feira Gorda* (anexo 2). Por fim, o último capítulo busca trazer as considerações finais sobre as análises e o trabalho como um todo, trazendo contribuições sobre o ensino de literatura.

Passemos, então, a seguir, às reflexões teóricas que nortearão este estudo.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este primeiro capítulo se destina à apresentação da teoria da Análise do Discurso e das questões iniciais que dão norte à pesquisa. É neste capítulo que alguns dos principais conceitos acerca da AD, que serão utilizados no desenvolvimento do trabalho, serão abordados. Ainda, serão estes os conceitos que servirão para construir as reflexões que aqui serão apresentadas.

1.1 Breves considerações sobre a Análise de Discurso

Em primeira instância, a apresentação do terreno sob o qual a teoria da Análise do Discurso se constrói é necessária, logo, serão mostrados alguns dos principais conceitos que caracterizam a teoria e se fazem fundamentais para a compreensão deste trabalho.

A Análise do Discurso se enraíza em três diferentes regiões do conhecimento científico, são essas: o Materialismo Histórico (Althusser), a Psicanálise (Lacan) e a Linguística (Saussure). “A AD se propõe não uma mera soma dessas regiões, ela busca elementos em cada uma dessas áreas para construir o seu objeto de investigação: o discurso” (CASEIRA, 2012, p. 16). Ademais, como considera Ferreira (2010, p. 18), é no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito.

Desse modo, Michel Pêcheux, na década de 60 na França, rompe com as noções de linguagem que estavam sendo pensadas até então e revoga toda noção reducionista na linguagem. É com Pêcheux que noções como neutralidade do locutor, o texto como fonte única de informação e normalidade dos enunciados são questionados.

Neste sentido, conforme trata Orlandi (2015):

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra do discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2015, p. 13)

Outrossim, “a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social.” (ORLANDI, 2015, p. 13).

Bem como, a AD contribui para a compreensão dos sentidos que a língua produz, mais do que isso, a capacidade do sujeito de significar e significar-se, o discurso funcionando como mediação da permanência ou transformação sócio-histórica e pessoal do homem. É nessa transformação que os três eixos de conhecimento da AD se encontram.

Como dito sobre os pilares da AD, leva-se em conta, então, o homem na sua história. É na história que a linguagem é produzida sob alguns processos e condições sociais. Daí tem-se a relação da linguagem com a sua exterioridade na análise que se faz. Em consequência, tem-se o discurso como objeto sócio-histórico e o trabalho do analista se realiza nessa abertura, e não com a língua fechada, significando nela e por ela mesma. “A língua da AD admite a falta, o furo, a falha; não trabalha com uma noção de estrutura fechada e homogênea e incorpora o termo “real da língua” [...] para expressar essa incompletude, esse não-todo que é próprio da língua e a constitui” (FERREIRA, 2010, p. 21).

Apontado por Orlandi (2015), o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, tendo-se, assim, a compreensão de como a língua produz sentidos por e para os sujeitos.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. (ORLANDI, 2015, p. 15)

Entendendo, deste modo, o que é o discurso, busca-se entender o que a análise, em si, faz. O estudo que interessa à AD, segundo Orlandi (2015), é o da língua funcionando para a produção de sentidos e que permite analisar unidades além da frase, ou seja, o texto, entendendo-o como base material do discurso. O texto foi pensado de diversas formas nos estudos precedentes, seja na semântica histórica (séc. XX) ou literário dos formalistas Russos na década de 1920. Na análise de conteúdo, procura-se extrair sentidos dos textos buscando responder a questão de o que este texto quer dizer. Para isso, toma-se a linguagem como transparente, o que na AD não acontece, pois ela busca responder à questão “como este texto significa?”.

Por fim, são três as considerações que Orlandi (2015) traz sobre a AD:

- a. a língua tem sua ordem própria mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da Linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem);

- b. a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. o sujeito de linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia. (ORLANDI, 2015, p. 18)

As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (Orlandi, 2015). É a partir dessa perspectiva que se procura entender a língua como um acontecimento, produzida por um sujeito afetado pela história, pela ideologia. Esse entendimento é gesto da interpretação e não compreensão. Como dito anteriormente, busca-se entender o como significa (compreensão) e não o que significa (interpretação).

Na Análise de Discurso, trabalham-se os limites e os mecanismos da interpretação como processos de significação. Não haverá, na AD, só uma interpretação, como se fosse um único modo de pensar a construção de sentido. Há método e, principalmente, há construção de um dispositivo teórico do qual se servirá o analista para compreender os gestos de interpretação que constituem o texto, o discurso. Por isso que os conceitos mobilizados para análise se distinguem segundo o material de análise e as questões formuladas pelo analista.

Ainda, pensando as noções trabalhadas no que diz respeito ao sujeito, à língua, ao discurso e à ideologia, faz-se necessário o entendimento de como a psicanálise contribui para essas noções. “Pensar o sujeito sob o viés psicanalítico significa entendê-lo como um sujeito descentrado, dividido, clivado, um sujeito que não é mais dono de si, mas que é afetado pelo inconsciente” (CASEIRA, 2012, p. 17). Esse sujeito da AD é o sujeito do inconsciente e da ideologia, que se materializa na linguagem.

Segundo Caseira (2012), o sujeito é um lugar social, interpelado pela ideologia e, ao mesmo tempo, inconsciente do processo que o constituiu como tal. Desse modo, ainda segundo a autora, o sujeito não tem controle absoluto sob o modo como ideologia e inconsciente o afetam. Assim, a autora nos traz:

É neste espaço intervalar de “controle” e não-controle que os sentidos deslizam, derivam e que a ambiguidade e o equívoco se revelam e apresentam, assim, a falha constitutiva da língua e também do sujeito. (CASEIRA, 2012, p. 18)

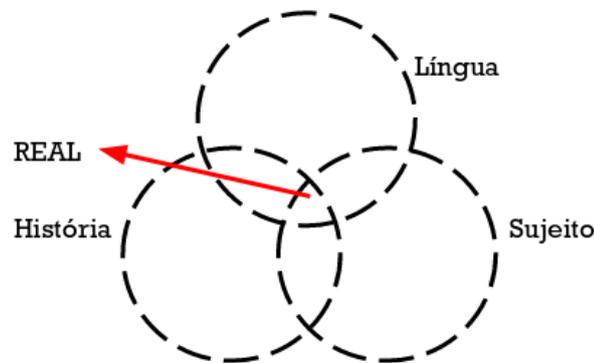
Além disso, “o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela a sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem”

(FERREIRA, 2010, p. 28). Ou seja, sujeito e linguagem se encontram a todo momento para a constituição um de outro.

Até aqui, discutiu-se o tripé sobre o qual a Análise do Discurso se apoia. Agora, cabe desenvolver a noção do nó borromeano pensado por Lacan e apresentado por Caseira (2012) em seus estudos. Este tripé está articulado na noção de sujeito (psicanálise), de história (materialismo histórico) e de língua (estruturalismo). Conforme Caseira (2012),

Cada uma dessas noções é pensada não em seu efeito de completude, em sua positividade, mas sim enquanto atravessada pela falta, pela falha que lhes é constitutiva. Ou seja, tanto o sujeito, como a história e a língua são constitutivamente atravessados pelo real. Assim, temos o real do sujeito, visto a partir do inconsciente; o real da história, visto a partir da contradição; e o real da língua, visto a partir do equívoco. (CASEIRA, 2012, p. 18)

Desse modo, o nó borromeano, apresentado por Lacan, se constitui-se a partir do entrelaçamento da tríade Real, Simbólico e Imaginário. “Ainda, o nó borromeano simbolizaria o lugar do sujeito no entremeio das três noções linguagem - ideologia - inconsciente” (FERREIRA, 2010, p. 24). Deslocando para a AD, baseado em Caseira (2012) e propondo uma reinterpretação desta, entendemos que esses elementos são abertos, teremos, assim, a seguinte representação:



No tripé fundador da AD, o que se tem em comum, então, são os furos dos três elementos apresentados: a história, o sujeito e a língua. O entendimento que aqui se deve ter é de que nenhum desses elementos é entendido como acabado e fechado em si mesmo dentro da teoria da AD. É no real desses três elementos que, segundo Ferreira (2010), estão presentes o traço da incompletude e da não-sistematicidade. “Por essas brechas e por essas bordas, entram em cena o equívoco, o sujeito do inconsciente e a contradição, ou seja, as materialidades do próprio discurso” (FERREIRA, 2010, p. 30). É na incompletude que os atravessa que se faz o furo, o furo do real.

Sobre o furo do real, constituído no encontro dos três elementos, Caseira (2012), nos apresenta:

O furo do sujeito [...] é o inconsciente, que nos leva a entender o sujeito, então, como um sujeito cindido, fragmentado, já que é um sujeito interpelado pela ideologia e dela se torna efeito. O furo da história é a contradição presente na luta de classes, sendo esta o próprio motor da história, o que permite que a história permaneça, mas também que ela mude, se transforme, afastando-se, assim, de uma espécie de determinismo do sujeito, ao qual restaria uma pura e simples submissão. É porque há falha, porque há real, que a história pode ser outra, ainda que nem sempre o seja. Por fim, temos ainda o furo da língua, que se refere à equivocidade, isto é, à possibilidade de o sentido sempre vir a ser outro, de deslizar para tornar-se um outro. Assim, o sistema da língua não é um sistema homogêneo, ele é atravessado por falhas que atestam, pois, a presença do real. (CASEIRA, 2012, p. 19)

Algumas dessas questões que foram discutidas, então, podem ser entendidas como a sustentação na qual a teoria da Análise de Discurso se constrói. É esta base epistemológica que fundamenta todos os conceitos principais que serão desenvolvidos neste trabalho. Como antes referido, são esses conceitos que construirão um dispositivo teórico que possibilitará percorrer o caminho para alcançar as respostas dos questionamentos levantados nesta pesquisa.

1.2 Sujeito e Ideologia: o processo de produção dos sentidos

Este tópico é dedicado a refletir sobre o modo como se produz o sentido. Para isso, torna-se indispensável refletir também sobre as noções de sujeito e de ideologia, já que é nesta relação que os sentidos se constituem.

Na seção anterior, muito já dissemos sobre o sujeito da AD. Sendo assim, entendemos que o sujeito é um dos elementos, presente no nó borromeano discutido, que se encontra aberto, isto é, ele é sujeito às mudanças sócio-históricas e ideológicas, isso pelo fato de que, também, ideologia e inconsciente estão determinando o sujeito.

“O sujeito do discurso se constitui no/pelo discurso e, para se constituir, insere-se em determinados domínios de saber, ou seja, tem seu dizer inscrito na história e na ideologia para que possa (se) significar” (CASEIRA, 2012, p. 20). É por isso que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

O trabalho da ideologia será o de produzir evidências e colocar o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Para tanto, Orlandi nos traz:

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. (ORLANDI, 2015, p. 44)

São, portanto, duas evidências que afetam o sujeito: a evidência do sentido e a evidência do sujeito. Na evidência de sentido (que faz com que uma palavra designe uma coisa), as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Já a evidência do sujeito (a de que somos sempre já sujeitos) apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. “Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 44).

Ademais, essas evidências funcionam pelos chamados “esquecimentos”. Segundo Pêcheux (1975), é possível distinguir duas formas de esquecimento no discurso: esquecimento ideológico e o da ordem da enunciação. O primeiro esquecimento é o da instância do inconsciente e é resultado do modo como a ideologia nos afeta, por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes.

Neste sentido, sabendo-se que o sujeito é interpelado pela ideologia e que é a partir dessa interpretação que ele produz discurso, podemos dizer, então, que seu discurso está submetido a determinadas condições de produção. Nessas condições de produção, é possível que o analista do discurso compreenda os fatores que determinaram os dizeres do discurso produzido, ou seja, sob a perspectiva das condições sócio-históricas, por exemplo, é possível determinar a ideologia dominante no discurso e, em seguida, compreender o modo como esse sujeito produz sentidos.

Pensando, deste modo, nos dizeres que o sujeito produz enquanto efeitos de sentidos que foram enunciados em determinadas condições, cabe, então, compreender essas condições em que o discurso é produzido. Como aponta Orlandi “os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas” (ORLANDI, 2015, p. 28). Em vez de decodificar, o analista tem de apreender os vestígios deixados no texto para compreender os sentidos produzidos.

Acerca desses sentidos, Orlandi (2015, p. 28) afirma que eles têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. As condições em que o discurso é produzido compreendem os sujeitos e a situação, daí se traz a importância de desenvolver estas noções mais profundamente.

Há dois sentidos em que as condições de produção podem ser consideradas: em sentido estrito e em sentido amplo. No sentido estrito, teremos o contexto imediato, as circunstâncias da enunciação. Já no sentido amplo, têm-se incluídos os elementos sócio-históricos e o ideológicos. A esse respeito, Orlandi (*ibid.*) diz que o contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas Instituições [...]; e a história, com a produção de acontecimentos que significam segundo um imaginário que afeta os sujeitos. Esse imaginário que nos afeta é constituído de uma rede de saberes, de dizeres. Sendo assim, configura-se uma memória segundo a qual, nos termos de Orlandi:

[...] tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (2015, p. 29)

Nessa relação do que está sendo dito e o já-dito, traduz-se a relação entre o interdiscurso (constituição do sentido) e o intradiscurso (formulação do sentido). O interdiscurso é o eixo em que teríamos todos os dizeres já ditos (o dizível); no outro eixo, o intradiscurso, é aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. Como consequência disso, o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. “O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras” (ORLANDI, 2015, p. 30), pois o que estamos dizendo no momento só significa porque se refere a outros dizeres já ditos, já significados, presentes na memória.

Pêcheux (2007, p. 50) define que a “memória” deve ser entendida nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. “A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer

dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2007, p. 52). Dito de outra forma, a memória é esse espaço não homogêneo de muitos dizeres (sócio-históricos), é o interdiscurso definido por Orlandi que interpela os sujeitos em seus discursos. A memória possibilita que aconteça a produção de sentidos.

Como dito pela autora (2015, p. 47), o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade. Com a memória trabalhada pelo esquecimento, é que os dizeres se filiam a redes de sentidos produzidos. Isso significa que o dizer tem história e se significa por tal, os sentidos estão além do imediato enunciado.

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 2015, p. 46)

É nesse ponto em que a ideologia se faz presente que ela aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade.

Assim, segundo Orlandi (2015, p. 30), o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Quando se observa o interdiscurso, é possível remeter o dizer a uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade e seus significados, assim como mostrar seus compromissos ideológicos e políticos.

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (ORLANDI, 2015, p. 31)

Logo, a compreensão do dizer está atrelada à compreensão histórica e ideológica, assim como a formulação do dizer está submetida às redes de sentidos a que nos filiamos, contudo, sem aprendermos conscientemente como realizar esse processo de filiação (sabe-se que isso se determina pela ideologia e o inconsciente). Orlandi nos dirá que “certamente, o fazemos determinados por nossa relação com a

língua e com a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia” (ORLANDI, 2015, p. 32). Do mesmo modo que somente alguns sentidos nos afetam e outros não, com efeito, somos afetados pela língua também no campo histórico e ideológico, na relação com outros discursos.

Desse modo, então, entende-se que não há discurso que não esteja relacionado com outro discurso, pois, segundo Orlandi (2015), as palavras adquirem sentido com o sujeito por este entrar num processo em que o discurso já está em funcionamento. Assim, Orlandi apresenta que,

na realidade, embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevem na língua e na história e é por isto que significam, não pela nossa vontade. (ORLANDI, 2015, p. 33)

Ademais, estar construindo significado quer dizer que os sentidos do discurso se associam a outros sentidos e a outros discursos. Também, que a língua e história nos afetam, pois é através delas que produzimos sentidos e nos constituímos enquanto sujeitos, materializando sentidos.

Brevemente, no intuito de enriquecer a reflexão sobre o modo de constituição de sentidos na AD e as noções que serão construídas a seguir, trazemos as noções do mecanismo de antecipação e de relações de forças que Orlandi (2015) apresenta. Sendo assim, antecipação é o movimento que o sujeito tem a capacidade de realizar no discurso. “Todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras” (ORLANDI, 2015, p. 37). É esse o mecanismo que vai regular a argumentação, pois o locutor argumentará de acordo com o efeito que pensa produzir em seu ouvinte.

Na relação de forças, pode-se dizer, segundo a autora, que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz (*ibid.* p. 37). Um exemplo das condições de produção poderia ser pensando em relação aos sujeitos que ocupam diferentes lugares hierárquicos no discurso, as relações de força têm a ver com o fato de que o discurso do sujeito que ocupa a mais alta posição da hierarquia significa (tem um valor) diferente daqueles que estão abaixo.

As relações de sentido, relações de força e antecipação estão repousadas no que chamamos de formações imaginárias. Como aponta Orlandi (2015, p. 38), não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. Ainda, são

essas projeções que permitem o sujeito passar de situação (empírica) para posições dos sujeitos no discurso. Desse modo, no discurso, o que significa, são essas posições, significando em relação ao contexto sócio-histórico e ao saber discursivo, o já-dito.

“As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita ao equívoco e à historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2015, p. 38). As imagens dos sujeitos e do objeto do discurso são produzidas por esse mecanismo dentro de uma dada condição sócio-histórica, e são elas que constituem as diferentes posições na relação discursiva. Ademais, segundo Orlandi (2015, p. 39), é assim que as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos presentes nos discursos. As identidades, portanto, resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia. Como aponta Orlandi (2015):

É bom lembrar: na análise de discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2015, p. 40)

São essas noções, dos processos de identificação do sujeito, que vão contribuir para a constituição das condições em que o discurso se produz e também para o seu processo de significação. Não é no dizer em si mesmo, nem pelas intenções de quem diz que se compreende o sentido. É preciso referir o dizer às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória e também remetê-lo a uma formação discursiva. Como nos traz Orlandi (2015, p. 40), “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém delas.”.

Desse modo, os sentidos são determinados pelas posições ideológicas, sendo que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições daqueles que as empregam em seus dizeres. Para tanto, é necessário trazer a noção de formação discursiva (FD) para o âmbito desta discussão, pois é essa noção que permite compreender o processo de produção dos sentidos e a sua relação com a ideologia.

“A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41). Cabe, ainda,

pensarmos como o conceito de Formação Discursiva se constrói como sendo heterogênea.

Num primeiro momento, tem-se a noção de que uma Formação Discursiva se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação (INDURSKY, 2007, p. 163). “Essas regularidades, regras, irão determinar as condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma repartição discursiva dada” (INDURSKY, 2007, p. 163).

É preciso lembrar, conforme destaca Indursky, que a noção de FD não deve ser entendida como fechada e homogênea. Segundo a autora, as modalidades de posição apresentadas por Pêcheux são um bom exemplo para observarmos a heterogeneidade da FD. Logo, “o que se apresenta efetivamente é um sujeito dividido em relação a ele mesmo e esta divisão do sujeito se materializa nas tomadas de posição frente aos saberes que estão inscritos na formação discursiva em que se inscreve” (INDURSKY, 2007, p. 167).

Dito de outra forma, o sujeito do discurso se identifica como sujeito a partir do momento em que toma lugar em uma posição-sujeito. É nessa posição que se apresenta a forma-sujeito, uma noção que se faz presente como integradora da FD que, por sua vez, constitui a formação ideológica.

A ideologia, juntamente com o sujeito, organiza a FD, que pode ser entendida, segundo Indursky, como o que pode e deve ser dito pelo sujeito e que tem os saberes regulados pela forma-sujeito, também, a FD apresenta-se munida de unicidade. Deste modo, Pêcheux apresenta o funcionamento do que chama de “tomada de posição”:

“a tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma consciência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o ‘Sujeito’. O ‘desdobramento’ do sujeito - como ‘tomada de consciência’” de seus objetos - é uma reduplicação da identificação...” (PÊCHEUX, 1988, p. 172 *apud* INDURSKY, 2007, p. 166)

Indursky (2007) retoma, de Pêcheux, as modalidades de posição para repensá-las enquanto constituintes da FD heterogênea. Assim, três são as modalidades apresentadas: a primeira modalidade é a chamada de superposição, em que o sujeito do discurso é reconhecido como bom sujeito, pois se identifica plenamente com a posição-sujeito inscrita nos dizeres da formação discursiva. Essa

modalidade é a reconhecida como reduplicação da identificação. Essa reduplicação acontece, pois o sujeito reduplica os dizeres da FD em sua forma-sujeito.

A segunda modalidade irá apresentar-se como mau sujeito. O discurso desse sujeito se contrapõe à forma-sujeito, fazendo com que ele se contra-identifique com os dizeres da formação discursiva que o afeta. A contra-identificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o determina e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza (INDURSKY, 2007, p. 167).

É por a identificação não ser completa que abre-se espaço para as contradições, para a dúvida. Será com esta modalidade que a FD se tornará heterogênea, pois trará para o seu interior a alteridade, o discurso-outro. É o interdiscurso que determina uma FD, pois contém os dizeres que não devem ser ditos no âmbito dela.

Por fim, é apresentada a terceira modalidade, a de desidentificação. “O sujeito do discurso desidentifica-se de uma formação discursiva e sua forma-sujeito para deslocar sua identificação para outra formação discursiva e sua respectiva forma-sujeito” (INDURSKY, 2007, p. 168).

O analista do discurso, segundo Indursky (2007) deve traçar os tênues contornos da FD com a qual o sujeito do discurso em análise se identifica para então fazer suas análises. Deste modo, uma FD está sendo sempre enriquecida de novos e diferentes saberes pela falha no discurso. A autora afirma, portanto, que trabalhar com a noção de FD exige a capacidade de lidar com a diferença, pois essa será constante nas análises que são realizadas.

Feitas estas reflexões, nos direcionamos à seção seguinte, buscando fazer as compreensões e construindo as noções que nos ajudarão a pensar as relações que texto e discurso carregam.

1.3 Língua, Texto e Discurso: (des)amarrando fios

É neste capítulo que mais, detidamente, noções acerca de língua, texto e discurso são desenvolvidas. Essas noções se fazem importantes já que o trabalho, que aqui se realiza com a AD, é de leitura e interpretação. Logo, o texto está presente como elemento essencial para as reflexões construídas neste trabalho.

Retomando alguns conceitos, temos a compreensão de que o discurso, para Pêcheux (1969), é efeito de sentidos entre os locutores; isso significa que não é somente um sentido apreendido num gesto de interpretação, seja do interlocutor ou do analista de discurso. “Se é um efeito produzido pela ideologia, este efeito muda conforme mudam os sujeitos nele inscritos e muda também conforme mudem os lugares ocupados por esses sujeitos” (CASEIRA, 2012, pp. 25-26).

Ainda, segundo Caseira (2012), o texto, por sua vez, vai materializar essa relação do sujeito com a exterioridade, vale dizer, com a discursividade. Logo, entendendo o discurso como não fechado em si, o mesmo pode ser pensado com relação ao texto, uma unidade aberta. Desse modo, segundo Orlandi (*apud* CASEIRA, 2012), o texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como, a partir de suas condições, ele está praticando a relação do mundo com o simbólico.

Os caminhos que o texto percorre na área dos estudos da linguagem com as diferentes linhas de pesquisa mostram como esse objeto é interessante. A respeito dessa caminhada, Indursky (2010) nos agracia com uma escrita em que reflete sobre a categoria texto, como uma concepção diferente que cada teoria possibilita projetar com seu aparato teórico. Essas teorias são: linguística textual, teoria da enunciação, semiótica e análise do discurso.

Uma das concepções de texto, conforme entendida pela linguística textual, por exemplo, traz consigo o conceito de que texto é um conjunto de frases bem formadas. O texto, assim, insere-se no campo da língua enquanto um sistema fechado e homogêneo. A principal contribuição da linguística textual para os estudos do texto foi o fato de ter ultrapassado as fronteiras da frase e da linguística convencional e de ter constituído um novo objeto de análise, o texto, este equivalente a discurso (texto e discurso, aqui, se apresentam numa relação sinonímica).

No campo da teoria da enunciação, a noção estrita de língua como sistema, que somente considera as relações internas é superada e outros elementos passam a ser considerados: é o caso do locutor, interlocutor e contexto de situação (o aqui e agora). Considerando esses elementos, tem-se uma rede de relações semântico-textuais que espera por uma interpretação. Já na semiótica, nos deparamos com os estudos que visam apreender como um texto faz para produzir sentido.

A AD surge como um divisor de águas nos estudos do texto, pois se instaura a consideração obrigatória das condições de produção. Como aponta Indursky (2010, p. 68), considerar as condições de produção consiste, em primeiro lugar, em ultrapassar os elementos internos ao texto propriamente dito. Convocar a exterioridade nos estudos com o texto é papel da teoria da enunciação e da análise de discurso.

Nesse ponto, as duas teorias se diferem em alguns aspectos, e daí nasce a necessidade de compreender o que é a exterioridade para as duas teorias, de acordo com Indursky (2010),

Ao passar da teoria da enunciação para a análise do discurso, passa-se do indivíduo para o sujeito social; desliza-se de um indivíduo dotado de estratégias discursivas, que deixa instruções inscritas no enunciado, as quais devem ser seguidas pelo interlocutor para proceder à interpretação, para um sujeito afetado pelo inconsciente e identificado com uma ideologia e estes dois processos regem seu dizer; passa-se de um sujeito que é centrado e origem de seu dizer para um sujeito descentrado que age sob a ilusão de estar na origem de seu dizer, mas que, precisa imergir no interdiscurso para poder dizer, pois aí reside o repetível, a memória discursiva que lhe permite dizer. (INDURSKY, 2010, p. 69)

Quando se diz que os interlocutores da AD são sujeitos historicamente determinados, significa dizer que são interpelados pela ideologia. E é deste modo que as condições de produção do texto relacionam esse texto com os sujeitos históricos, identificados com uma formação discursiva e inscritos em lugares sociais.

O que interessa, para a AD, é a forma como o texto - “objeto” a ser lido, materialidade linguística através da qual se tem acesso ao discurso - organiza essas relações com a exterioridade e o modo como organiza internamente esses elementos para que se produzam o efeito de um texto homogêneo (CASEIRA, 2012, p. 27). Deste modo, ao final, temos a compreensão dos sentidos que o texto pode apresentar. Ainda, sobre a análise, Orlandi (2007b, p. 57) postula: “não nos interessa, nessa perspectiva discursiva, a organização do texto. O que nos interessa é o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e a das coisas: sua materialidade.”.

Ademais, quando Orlandi (2007b) fala sobre texto e discurso, noção que se faz importante aqui para situar o papel do analista do discurso quando esse realiza o trabalho com o texto, a autora começa trazendo a questão de que “o texto é uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa.” (p. 52). A respeito dessa unidade significativa, deve-se ter em mente que o texto só significa por possuir uma unicidade em suas palavras; a questão é que as palavras não

significam em si e, sim, que o texto é que significa, daí se tem a sua homogeneidade.

A noção de que o texto não é fechado se constrói a partir do pensamento de que o texto é um espaço discursivo. Assim, ele não é fechado em si mesmo por estabelecer relações com o contexto, outros textos e outros discursos. Como no traz Indursky (2010, p. 69), “o que nos permite afirmar que o fechamento de um texto, considerado nessa perspectiva teórica, é a um só tempo, simbólico e indispensável”. Ainda segundo a autora, fazem parte da constituição do texto outros fatores, como as relações contextuais, textuais, intertextuais e as interdiscursivas.

A respeito dessas noções, é possível trazer, pelo menos, dois apontamentos da autora a seu respeito: “a análise do discurso toma o texto como materialidade que lhe dará acesso ao discurso, a seus processos discursivos; o texto, em análise do discurso, está totalmente atravessado pelo interdiscurso.” (INDURSKY, 2010, p. 72). Trazemos, ainda, alguns apontamentos de Orlandi (2007b) a respeito desta noção.

Como aponta a autora, o texto é um objeto histórico. Histórico aí não tem o sentido de ser o texto um documento, mas discurso. Assim, melhor seria dizer: o texto é um objeto linguístico-histórico. Não por isso que se trabalha a historicidade refletida no texto e, sim, o trabalho feito é o de compreender como essa matéria textual produz sentidos. Ainda, o objetivo da AD, conforme Orlandi (2007b), “é compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele concebido enquanto objeto linguístico-histórico”. Assim, Orlandi (2007b), diz que:

Ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido. É esta a dimensão histórica do sujeito - seu acontecimento simbólico - já que não há sentido possível sem história, pois é a história que provê a linguagem de sentido, ou melhor, de sentidos (ORLANDI, 2007b, p. 57)

Feita a análise, não é sobre o texto que falará o analista, mas sobre o discurso. Uma vez atingido o processo discursivo que é o que faz o texto significar, o texto ou os textos particulares analisados desaparecem como referências específicas para dar lugar à compreensão de todo o processo discursivo do qual eles - e outros que nem mesmo conhecemos - são parte. É desse modo que o texto, constituindo-se como unidade que permite ter acesso ao discurso, vira objeto de estudo e possibilita a análise de acordo com um dispositivo teórico construído pela análise de discurso. Desta forma, é possível esclarecer as relações do discurso ao

qual o texto foi remetido com as FDs e, ainda, pensar as relações destas com a ideologia.

Essas noções apresentadas acerca do objeto de estudo da AD são importantes não só para se ter a compreensão das análises que vêm a seguir, mas, também, a compreensão da construção do dispositivo teórico que se realiza. Os textos que serão analisados neste trabalho pertencem ao gênero de texto literário. Sobre este, cabe ainda outras considerações importantes que serão trazidas no próximo capítulo, que também conta com as análises do *corpus*.

2. LITERATURA E ANÁLISE DO DISCURSO: O *CORPUS* DE ANÁLISE

Neste capítulo, desenvolver-se-ão as análises acerca do *corpus* elencado. Para tanto, é necessário que se faça a contextualização deste *corpus*, justificando a escolha e trazendo as noções necessárias da AD para a compreensão dos sentidos inscritos nos textos. Como aponta Petri (2004, p. 15), “ser analista de discurso, desde o princípio, já implica trabalhar no espaço de articulação entre diferentes áreas do conhecimento”. Nesse espaço, portanto, o que nos interessa é compreender o modo como o linguístico e o literário se articulam para produzir discurso, ou seja, para produzir sentidos. Assim, damos início ao trabalho.

2.1 A escolha pelos autores e pela obra

Dentre muitas questões a serem discutidas, começamos com a apresentação dos autores e das obras que foram escolhidas. Na perspectiva da academia, Rubem Fonseca e Caio F. Abreu são eleitos como representantes de um cânone literário bastante discutido. Deste modo, cabe explicar como a escolha por estes dois autores se deu, de que modo eles caminham juntos (ou separados) quando trabalham com um tema que, nas análises, é o que buscamos discutir: a homofobia.

Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi (2015) dedica um capítulo para tratar das literaturas de tendências contemporâneas. É dentro deste capítulo que o autor escreve sobre *A ficção entre os anos 70 e 90: alguns pontos de referência* e, logo, trata o estilo de narrar desse fim de milênio como brutal e, possivelmente, com a intenção de ser brutalista. Essa narrativa surge, claro, do contexto em que se vivia, e sobre isto o autor aponta:

Se a nossa história política nos ajuda a estabelecer o divisor das águas, este poderá passar pela fase mais negra da ditadura militar, entre 64 e 74, com toda a sua carga de opressão, exílio e censura. O seu contraponto simbólico veio a ser a literatura-reportagem, assim como o teatro se fez então denúncia e o cinema, depoimento. (BOSI, 2015, p. 464)

É comum hoje o senso de que a linguagem empregada nas obras de Rubem Fonseca é brutal, grotesca e que também a sua literatura é de denúncia, apresentando narrativas em que a denúncia social está presente ao tempo em que revela aspectos da sociedade de determinada época com uma linguagem de escrita jornalística, se elencando como uma literatura-reportagem. Rubem é lembrado por Bosi em sua obra e, a respeito deste escritor, aponta:

Há os que submetem percepções e lembranças à luz da análise materialista clássica, dissecando os motivos (em geral, perversos) dos comportamentos de seus personagens que ainda trazem a marca de tipos sociais. É o caso de Rubem Fonseca, que vem dos anos 60 e demonstrou força e fôlego nas páginas cruéis de *O Caso Morel* (73), *A Grande Arte*, romance policial na linha do brutalismo yanque (83), *Bufo & Spallanzani* (86) e, sobretudo, *Agosto* (90), relato dos eventos que precederam o suicídio de Getúlio Vargas misturado com *flashes* da vida privada tanto de seus admiradores quanto de seus desafetos: quase-crônica política, quase-romance. (BOSI, 2015, p. 466)

Compreendendo que, sim, Rubem foi e ainda pode ser um escritor que choca com a sua narrativa, temos, na citação acima, exemplos das obras com os elementos antes discutidos. Sendo assim, nos interessamos, também, em apresentar brevemente o livro de contos, intitulado *Feliz Ano Novo* (1975), que foi censurado um ano após sua publicação pelo governo militar, mesmo que em 1964 Rubem tenha participado ativamente do golpe. Os motivos para trazermos essa obra são referentes aos fatos de que, primeiramente, a obra é produzida no mesmo período histórico da obra de Caio F. Abreu e, em segundo lugar, é uma das suas principais obras de contos e possibilita comparações com a mais recente, *Calibre 22*.

A Rubem Fonseca sempre interessou registrar o cotidiano terrível das grandes cidades e, ao mesmo tempo, expor os dramas humanos desencadeados pelas ações transgressoras da ordem. Esse não é um fato diferente em *Feliz Ano Novo* - obra que dá nome ao primeiro conto do livro - apresenta, em geral, o contraste entre as camadas sociais. O autor, em mais de um conto, aponta para a possibilidade de revolta das classes oprimidas, social e economicamente, mostrando também que a violência perpassa, inclusive, os status sociais mais altos, sendo estas as denúncias antes apontadas.

É neste ponto que a literatura traz toda sua maravilhosidade, e cabe aqui lembrar o que Petri (2004) fala sobre o discurso fictício, aquele no qual a interlocução recupera elementos advindos do mundo social, representados pela história e recontados na ficção. É por esses elementos estarem presentes no discurso das obras de Rubem e, tão vivamente, que surge o interesse pelo escritor, o que possibilita compreender sentidos construídos acerca de dados fatos sociais, como a violência.

Para contrastar com a obra de Caio F. Abreu, foi escolhida a mais recente obra de Rubem, *Calibre 22*, de 2017. Essa obra de Rubem se aproxima muito da

apresentada anteriormente, *Feliz Ano Novo*¹, em termos de linguagem e temática. O social se faz muito presente e aquilo que acontece no cotidiano dos diferentes sujeitos, advindos de diferentes camadas sociais, no berço da cidade grande. O fato é que, mesmo que 42 anos tenham se passado, o estilo de narrativa do escritor tem se mantido o mesmo, assim como os temas sociais apresentados em suas obras.

Acreditamos que o contraste em torno dos dois autores e obras sob a ótica da AD gerará discussões que contribuirão para o entendimento e para a compreensão do *corpus* aqui escolhido. Ainda há pouca crítica em torno da nova obra de Rubem, o que sabemos é que a sua escrita brutal, a maior de suas características, se mantém.

O que cabe, ainda, é tentar descobrir se os novos contos de Rubem não caíram na banalidade e se, sim, continuam com o mesmo peso literário que manteve o autor no reconhecimento e com sucesso. Sobre esse fato, o de saber e entender a qualidade do texto, Bosi afirma:

Na rede de uma cultura plural como a que vivemos, é a qualidade estética do texto que ainda deve importar como primeiro critério de inclusão no vasto mundo da narrativa; só depois, e em um matizado segundo plano, é que interessam o assunto ou visibilidade dos seus referentes. Esta, por seu turno, parece depender, cada vez mais, da mídia, isto é, do mercado das comunicações. (BOSI, 2015, p. 466)

Outrossim, para Bosi, não é a qualidade estética que busca-se aqui elencar. Queremos ter um paradigma social-histórico entre esses discursos apresentados e fazer compreender como a violência se fez e continua se fazendo presente nos anos que se passaram. Rubem trará um conto, em sua nova obra, que apresenta um personagem homossexual. É por estes motivos apresentados sobre o escritor e obra que nos interessa, também, trabalhar com a AD e compreender os sentidos que os textos de Rubem e de Caio constroem acerca das personagens e temática gay.

Sendo assim, para que possamos pensar o sujeito homossexual representado na obra de Rubem, escolhemos o conto que se intitula *Colégio* - em que um episódio de homofobia é narrado - e está publicado em sua mais recente obra, *Calibre 22*, para trabalharmos em contraste com o conto de Caio, *Terça-feira gorda*.

O conto escolhido do escritor Caio F. Abreu está publicado também em um livro de contos, *Morangos mofados*, de 1982. A crítica acadêmica tem se

¹ Se traz a apresentação da obra *Feliz Ano Novo*, mesmo que breve, com o objetivo de comparar a nova obra do escritor e colocá-la em um mesmo lugar de entendimento crítico literário.

preocupado com as produções de Caio a partir da década de 90, o caminho que se constrói é o de situar o escritor e contista gaúcho dentro de um conjunto de produções ou autores representativos de uma determinada tendência literária.

Em sua dissertação de mestrado, Porto (2005), desenvolve uma leitura crítica acerca dos contos de Caio que engloba uma articulação entre forma literária e conteúdo social. Para tanto, a autora traz o que estudiosos e críticos literários falam sobre a obra do escritor gaúcho. Dentre os críticos, estão nomes como Luís Augusto Fischer, Antônio Hohlfeldt, Gilda Neves da Silva Bittencourt, Luiz Costa Lima e Flora Sussekind. Deste modo, a autora nos aponta:

Os textos críticos, em sua maioria, destacam que a obra do escritor possui ligações com seu contexto social e político. Apesar das diferenças de análise, objetos de pesquisa e embasamento teórico, esses estudos asseguram que a produção literária de Caio Fernando Abreu faz uma representação das situações típicas dos indivíduos das décadas de 1960 a 1980. [...] Alguns autores sinalizam que a produção de Caio Fernando Abreu está relacionada a circunstâncias históricas e sociais, e também há posicionamentos críticos que asseguram a universalidade da obra. (PORTO, 2005, p. 42)

A obra de Caio Fernando Abreu, dentre alguns temas, traz problematizações em especial em relação ao homoerotismo, às repressões sociais, políticas e sexual e não só o repúdio, mas também a contestação do conservadorismo e autoritarismo. Entre os anos de 1969 e 1996, Caio produziu romances e contos, foi vencedor de Prêmios Jabuti da Literatura e, mais recentemente, virou leitura obrigatória do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com a obra *Morangos Mofados* (de 2017 a 2019).

Segundo Porto:

Em *Morangos mofados*, as narrativas reconstróem experiências sociais marcadas pela imposição de valores morais e padrões de conduta estabelecidos por uma sociedade autoritária e por um sistema político repressivo. A obra é marcada pela diversidade temática, já que trata da repressão sexual, da repressão política, do autoritarismo, do processo de escrita. Se, por um lado, a diversidade marca a temática da coletânea, por outro, também caracteriza a forma literária. (2005, p. 44)

Dentre os contos, a temática da homossexualidade ganha espaço, nos guiando às reflexões sobre valores morais socialmente aceitos, acentuando a exclusão e repressão de uma minoria social (LGBT), pois esta não tem espaço para a aceitação e torna-se marginalizada nos processos sociais. Caio possibilita pensar essa relação entre autoritarismo, violência e violação, negação de direitos e literatura. É um texto que possibilita problematizar (e problematiza) as situações de violência social e preconceito, traz os discursos dessa sociedade repressora e da

minoria reprimida, daí se dá o interesse nos estudos da AD com a obra de Caio, mais especificamente o conto *Terça-feira gorda*.

Acerca da temática homoafetiva, Porto (2005) traz algumas considerações de como esta é uma prática mal vista pela sociedade conservadora. Essa sociedade não só era conservadora na época de Caio, como se mantém nos dias atuais em muitos aspectos. No campo do direito homoafetivo, muito ainda é negado, estando a comunidade LGBT às margens, sempre, da negação e da retirada de direitos. Sobre essa negação ao direito, construída em uma noção de conservadorismo, Chauí

comenta que na sociedade brasileira a “moralização do sexo” é estabelecida pela família e pelo trabalho, que são controlados e regulados pelo Estado, numa ligação entre controle estatal e controle sexual, uma vez que a “super-repressão”, incluindo-se a sexual, configura um “conjunto de restrições e de imposições que têm como finalidade obter e conservar a dominação. É um fenômeno sócio-político.” (CHAUÍ, 1991, p. 156 *apud* PORTO, 2005, p. 50)

Esse fenômeno sócio-político pode ser constatado na obra de Caio uma vez que suas personagens apresentam vivências na experiência da violência social, de sexualidade e de gênero, sendo esta violência tanto física quanto psicológica. Como dito, os textos do escritor, assim como os de Rubem, indicam que, sim, existe uma relação próxima entre a literalidade dos contos e os problemas histórico-sociais. Deste modo justificamos a escolha de trabalhar com textos literários para esta pesquisa, buscando analisar as posições que o sujeito homossexual ocupa nestes discursos e, como apontado anteriormente, desenvolver uma leitura do texto a partir da articulação entre forma literária e conteúdo social.

2.2 Literatura e Análise do Discurso

Quando se pensa em leitura², para a AD, tem-se a noção de que essa prática consiste em considerar o que é dito nos diferentes discursos, os diferentes modos de dizer e, ainda, compreender o que não está sendo dito no que foi dito. Desse modo, a leitura permite a inserção do sujeito na vasta rede de significantes encontrados no discurso, isto é, na materialidade linguística. Nesse caso de análise, a materialidade com que trabalhamos é o discurso literário, o qual aponta Petri, é um espaço repleto de armadilhas. De acordo com a autora, entende-se que,

Ao elegermos um corpus de análise advindo da literatura, estamos levando em conta elementos essenciais da sua constituição, enquanto discurso, sobretudo por tratar-se do gênero literário narrativo que, por excelência, é o

² Mais, acerca da noção de leitura, será desenvolvido no capítulo 3.

responsável pelo “contar histórias” de/sobre/para um grupo social, enquanto constitutivo de um imaginário coletivo. No caso desse discurso, a interlocução recupera elementos advindos do mundo social, representados pela história e recontados na ficção, onde se produzem efeitos de sentido capazes de contribuir para a instituição de um mito ou para a desmitificação de um herói. Isso se dá em nível de representação, pois o literário é, por excelência, um lugar de representação do social e do histórico. (PETRI, 2004, p. 17)

A importância de definir como se dá o trabalho da AD no campo da literatura é justamente para não cair na mesma noção de que literatura é igual ao texto, conceito antes discutido na seção 1.3. Para isto, toma-se Verli Petri (2004) como principal referência, pois ainda é bastante limitado o número de autores/analistas do discurso que tomam a obra literária, ou o discurso fictício, como objeto de seus estudos.

Devemos compreender, além do papel que a literatura tem em nossa sociedade, assim como a leitura, o que é literatura. Para tal, trazemos as contribuições dos estudos da autora. Segundo Petri,

a literatura não é o mundo real, não é o que reflete uma realidade empírica; mas é algo que escuta/reflete os “rumores” advindos do real-social, reelabora e re-significa os ecos desses rumores, os coloca em relação com o discurso histórico e produz o ficcional, deslocando o já-dito de uma instância para outra (Petri, 2004, p. 17)

De acordo com Petri (2004), não se concebe Língua e Literatura em separado, aceitando a interpenetração das duas como imprescindível para a existência e o funcionamento de ambas. Quando o trabalho com o discurso narrativo literário é realizado, o que acontece é o recorte de uma materialidade que é muito mais do que linguística e literária, é uma materialidade discursiva. É partindo dessa materialidade discursiva que buscamos observar as formas de representação do sujeito gay e por que essas representações fazem emergir na literatura a imagem preconceituosa ou não que habita o imaginário de toda uma sociedade.

No trabalho com a AD, o que vai nos interessar é a significação linguística e o discurso, nesse caso, literário. Sendo assim, mesmo que o trabalho não seja no âmbito da teoria literária, nos importa circunscrever o objeto de análise, sendo preciso ir até onde ele se constitui e fazer um reconhecimento de como se dá a produção do mesmo. Petri (2004) faz um percurso do que a Crítica e Teoria Literária aponta (trazendo teóricos como Aristóteles, Bakhtin e Campagnon), neste quesito, teremos:

O olhar que lançamos sobre o referido objeto de estudo sustenta-se na perspectiva discursiva, mas quando se trata da literatura como ela é

pensada em termos de Teoria e Crítica Literária, nos deparamos com uma questão historicamente bastante discutida, indo de um extremo de que “a literatura imita o real” a outro extremo que separa “a literatura e o mundo real”. (PETRI, 2004, p. 19)

O papel do analista no trabalho com este tipo de discurso é, então, perceber as vozes que se produzem no social e que podem ser captadas no literário, pois elas produzem o “efeito de real”, ainda segundo a autora:

o que não é alucinatório, mas que também não corresponde à realidade social, pensada como um produto dado, pronto e acabado, pois a correspondência que existe entre o ficcional e a realidade social é da ordem da representação e não da imitação. (PETRI, 2004, p. 21)

Por certo, quando pensamos a representação do sujeito gay no discurso literário, nos referimos à uma representação desta posição que é ocupada.

Ainda, “a literatura, enquanto discurso, estabelece as necessárias relações entre o velho e o novo” (PETRI, 2004, p. 17), o que resgata fatos de memória e produz estranhamentos. Nessa relação de velho e novo, novo e velho é que a produção dos efeitos de sentidos acontece. Desse modo, com os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso, é necessário desconstruir a suposta unidade do sujeito e dos efeitos de sentido produzidos no discurso e deslocar o foco de observação da categoria de sujeito para a de representação de sujeito³.

Concebemos o discurso literário como aquele que traz à tona uma pluralidade de representações e efeitos de sentidos, mas que não tem o compromisso de reproduzir fielmente uma realidade social instituída como tal, reservando-se o direito de trabalhar apenas no âmbito das representações que se produzem a partir do que se instituiu como referencial. (PETRI, 2004, p. 19)

Assim, entende-se o discurso literário como um discurso que causa, a todo momento, estranhamento entre seus interlocutores, pois é de forma não linear que fragmentos da memória coletiva de um povo são mobilizados. De qualquer modo, a discussão de até que ponto o literário recupera elementos históricos, que são do mundo real e que elementos são do mundo fictício, inventados, é antiga.

Ademais, sobre essa relação, a autora fala que não se trata de uma relação direta, unívoca e unilateral, mas sim “de uma relação que assume os riscos de propor novas formas de ver o mundo “real”, de reeditar histórias de um modo diferente do que estava posto, proporcionando que o novo apareça no interior do

³ Essa noção será melhor explorada na seção 2.3.

mesmo.” (PETRI, 2004, p. 28). Com isso, entendemos a concepção de como se dá a representação do mundo real na literatura, ainda, segundo a autora:

A partir dessa concepção, podemos perceber que uma das premissas da produção do discurso literário é o movimento, o movimento do social no interior do ficcional como algo fundante, onde podemos prever o espaço para “uma multiplicidade de sentidos” que tem sua eficácia garantida no interior daquele grupo social. (PETRI, 2004, p. 28)

Sendo assim, a autora entende que os enunciados circulados no interior de uma sociedade portam algumas especificidades no sentido de que podem significar de diferentes maneiras em diferentes situações discursivas. Ou seja, os enunciados carregam traços de origem e uma memória que garantem a eficácia do enunciado no interior do discurso de determinado grupo social.

“O discurso literário é afetado pela ideologia e por isso não pode ser neutro, ele marca um lugar para de lá funcionar e também é afetado por elementos sócio-históricos”. (PETRI, 2004, p. 70). Nesse caso, as (re)construções de gênero e sexualidade que aqui serão apresentadas não são construídas no discurso literário e, sim, são anteriores a este. Ou seja, não é a literatura que cria alguma representação do sujeito homossexual, pois estas diferentes representações são anteriores ao discurso. Mas é no discurso literário que é possível observar o processo de reinvenção do que é histórico e social, observar as posições-sujeito que são ocupadas, nesse caso, pelo gay.

2.3 Preparando as análises

Ao longo dos capítulos anteriores, discutimos as noções essenciais às análises que apresentamos a seguir. Como discutido na seção 1.1, a AD se apresenta como um dispositivo teórico analítico, esse dispositivo é construído de acordo com os objetivos do analista, pois não há uma metodologia prévia em Análise do Discurso que se aplique a todo e qualquer discurso.

Sendo assim, antes de apresentar os recortes discursivos que serão analisados, faz-se necessário trazer alguns apontamentos sobre os princípios metodológicos que serão adotados neste estudo e na construção dos recortes que compõem o *corpus* discursivo desta pesquisa.

Os recortes discursivos que serão analisados são trechos dos contos e, para cada recorte, as sequências discursivas serão elencadas de acordo com a

necessidade e com os objetivos de cada recorte utilizado. Entende-se a noção de recorte discursivo de acordo com Beck *et al.* que dizem:

Para Orlandi (1984, p. 14), “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”. Ou seja, o que se recorta extrapola um conjunto de formulações linguísticas, demandando um esforço – e uma grande responsabilidade política e científica do analista – de compreensão de determinadas relações textuais incidentes em uma interlocução, relações entre textos realizados numa cadeia significativa recuperável por amostragem imagética, escrita ou sonora, e textos não realizados nessa cadeia, mas evocados no acontecimento histórico de sua significação e interpretação. (BECK *et al.* 2019, p. 163)

Nesta pesquisa, conforme já foi mencionado, serão analisados dois contos da literatura contemporânea brasileira. As análises de cada texto se apresentam em uma seção específica para cada um deles. O primeiro texto a ser analisado será o conto de Rubem Fonseca, intitulado *Colégio*; o segundo, é de autoria de Caio F. Abreu e se intitula *Terça-feira gorda*.

É com a perspectiva de quem lança o olhar de analista do discurso investigando a representação do gay na narrativa literária de Caio e Rubem que traz-se a noção de “discurso sobre” proposta por Orlandi (1990, p. 37) que define “discurso sobre” como “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. [...] o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos de)”.

Compreende-se que na base de todo o discurso há um sujeito, que se constitui como autor ao constituir o texto em uma unidade coerente e completa. O texto mostrará como se organiza a discursividade, como o sujeito ali está posto significando a sua posição e relacionando com real e imaginário, materializando sentidos através do texto, da materialidade linguística. Deste modo, tendo em vista que o discurso funciona para assegurar a permanência de alguma representação, nas próximas duas seções serão analisadas as representações da posição-sujeito (RPS) do sujeito gay.

Desse modo, entende-se que o sujeito permeado e inserido em uma FD, se vê, nela, relacionado com a ideologia vigente. Cabe, aqui, compreender o funcionamento das representações do sujeito como tomadas de posição, conceito discutido na seção 1.2. Em se tratando do discurso literário, a tomada de posição do sujeito funciona diferente de outros discursos. Para tanto, se fala em representação da posição sujeito, como aponta Petri (2004):

Essa especificidade do nosso objeto de análise nos leva a trabalhar com “representações das formas de subjetivação” e não com os próprios processos de subjetivação teorizados por Pêcheux, ao trabalhar com o discurso político. Assim sendo, precisamos deslocar os elementos teóricos para que funcionem de acordo com as especificidades da natureza do discurso literário onde só há lugar para as representações. O autor, ao produzir o discurso literário, simula a constituição de um sujeito [...] como aquele que toma uma posição, pois é essa simulação que garante a produção do efeito-sujeito tão necessário para a efetivação da ilusória unidade de significação do texto literário. Diante desse quadro, faz-se necessário explicitarmos que o autor produz algo muito mais complexo do que representações [...], pois ele está produzindo simulacros que mantêm “efeitos de semelhança” mais ou menos identificáveis, mas introduz o diferente, as dessemelhanças, primeiro entre o que é histórico e o que é ficcional e depois entre o que é ficcional sob dadas representações de condições de produção e o que é ficcional sob representações de condições de produção outras. (PETRI, 2004, p. 240-241)

O sujeito com o qual a autora trabalha é o gaúcho e sua construção teórica baseia-se nessa noção de representação do sujeito gaúcho. Neste trabalho, como trabalhamos com o sujeito gay, essa noção é deslocada, pois estamos falando do sujeito do discurso, logo, cada discurso apresentará um sujeito diferente.

Sendo assim, é importante apresentar como entendemos esse sujeito. O debate sobre gênero e sexualidade se constitui em pelo menos duas visões, a estruturalista e pós-estruturalista. É na visão pós-estruturalista que nos firmamos, visto que é nessa concepção teórica que a sexualidade e o gênero são desconstruídos, ou seja, são postos além de uma concepção fechada, homogênea e passam a serem discutidos através de uma perspectiva em que gênero e sexualidade podem sempre se reconstruírem e se modificarem.

Louro (1997) discute gênero e sexualidade como conceitos constituintes da identidade do sujeito. Desse modo, entender como as relações de gênero se estabelecem social e historicamente é fundamental, pois é das relações de gênero e de uma visão de estudo no qual gênero é entendido numa relação heterossexual que o sujeito homossexual é atribuído a um gênero incompleto. Assim, perpetua-se a homofobia no sentido de que o homossexual não é homem, nem mulher (em uma noção fechada, estruturada).

De acordo com Mac An Ghail,

...é crucial manter uma conexão não-causal e não redutiva entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes através da atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de "femininos" ou se chama as mulheres lésbicas de "masculinas". (MAC AN GHAILL, 1996, p. 198, *apud* Louro, 1997, p. 10)

O conceito de gênero com o qual Louro (1997) trabalha está ligado ao movimento feminista contemporâneo. Conceito implicado linguística e politicamente nas lutas das mulheres por direitos iguais. O feminismo começa a desdobrar em aportes teóricos na década de 1960, logo, a preocupação não é somente social e política, mas intelectual também, nas construções teóricas. A respeito disso, nas palavras de Louro:

Já se tornou lugar comum referir - se ao ano de 1968 como um marco da rebeldia e da contestação. A referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo. França, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha são locais especialmente notáveis para observarmos intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. (LOURO, 1997, p.3)

As noções (estruturalistas) antes pensadas começam a ser desconstruídas e novos conceitos surgem. É o caso do gênero, que antes era entendido como algo implícito ao sujeito e determinado biologicamente, ou seja, o que determinava se o sujeito era homem ou mulher era o aparelho reprodutor biológico com o qual nascia. Qualquer noção que fugisse a essa regra era entendida como problemática.

É desse modo que as diferentes sexualidades e gêneros entram para a lista de doenças psicológicas, o transsexual e o homossexual são tratados como anormalidades, pois fogem de uma regra, de uma convenção social heteronormativa. Nessa convenção, para entender, o que torna o homem, homem, é ter nascido com aparelho genital masculino e se atrair sexualmente por uma mulher que, por sua vez, nasceu com aparelho genital feminino. Essa é a principal noção reducionista questionada pelos estudos de gênero e sexualidade pós-estruturalistas, o fator biológico como conceito do que é gênero e sexualidade.

Ainda, entendendo gênero como constituinte da identidade do sujeito, Louro aponta:

Compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse "empurrado em diferentes direções", como diz Stuart Hall (1992, p.4). Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (LOURO, 1997, p. 8)

Deste modo, compreende-se que as relações de gênero estão presentes nas diferentes instituições da sociedade. Essas relações que muitas vezes se apresentam binariamente não dão espaço para os demais sujeitos que não se encaixam nessa lógica dicotômica estruturalista de masculino e feminino. Quando se pensa que o sujeito se constitui apenas de gênero, que é homem e mulher, não se considera que os sujeitos são perpassados pela ideologia, pela raça, classe social, sexualidade, etc. É neste ponto que a desconstrução binária deveria caminhar: compreender que existem diferentes mulheres e não a mulher, diferentes homens e não o homem. Em relação a essa dicotomia, Louro aponta que:

Uma das consequências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. (LOURO, 1997, p. 13)

O que é proposto por Louro (1997), pensando nessa lógica, é que se problematize a identidade presente no interior de cada pólo da dicotomia discutida. Como dito, há diferentes mulheres e homens e esses são construídos pelas suas identidades. Já essas identidades se constroem nas diferentes relações que cada sujeito estabelece com o outro e com a sociedade. Os sujeitos que vivem feminilidades e masculinidades "de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária". (LOURO, 1997, p. 13).

É nessa relação binária de gênero que a homossexualidade vai se constituindo enquanto algo que foge à regra. Ter a mesma concepção do que é ser homem servindo para o homem heterossexual e para o homem homossexual é problemático no que tange as relações sociais de cada um. A homossexualidade se configura enquanto minoria justamente por não possuir o mesmo espaço sócio-político-histórico da heterossexualidade. Segundo Louro:

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia [...], tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer. Ousando se expor a todas as formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres

contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora de seus limites [...]. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. (LOURO, 2001, p. 542)

A principal discussão se fundamenta no campo da moralidade. Uma disputa de sentidos, uma luta por significados, o termo “homossexualidade” se vê, de um lado (o das igrejas e grupos conservadores) como algo difundido de um caráter desviado, anormal e inferior aos demais. Do outro lado, grupos irão defender a normalidade e naturalidade do que é o sujeito homossexual. Nesse ponto, é essencial que o sujeito homossexual afirme a sua identidade, ocupe um lugar de voz e diga que se é normal, naturalizando os dizeres sobre a comunidade.

Como aponta Louro, em seu artigo sobre teoria queer:

A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representá-la. Imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes são contrapostos por representações ‘positivas’ de homossexuais. Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política. O dilema entre ‘assumir-se’ ou ‘permanecer enrustido’ (no armário – closet) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável para a comunidade. Na construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar da acolhida e do suporte – uma espécie de lar. (LOURO, 2001, p. 543)

Sendo assim, quando se fala em lutas pela liberdade sexual, se fala numa luta discursiva, uma luta em que os sujeitos possam se ver representados nos diversos espaços sociais e culturais e o que os dizeres dessa comunidade bastam para ser ouvidos. É pensar que o sujeito homossexual não precisa do reconhecimento cis-hétero para que o seu dizer seja ouvido. Nesse âmbito que se entende a representatividade do sujeito gay dentro da literatura, pensada como espaço artístico.

Pensar os discursos nos diversos âmbitos e o quanto esses são representativos se justifica pela necessidade de afirmar a identidade gay e naturalizar esse conceito. A discussão se faz necessária enquanto a homofobia matar em nome dos que consideram a homossexualidade uma anormalidade. Ainda, retomemos que todo sujeito tem o direito de ser reconhecido. Louro fala que:

O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro, um efeito regulador e disciplinador. Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições. Nesse discurso, é a escolha do objeto amoroso que define a identidade sexual e, sendo assim, a identidade gay ou lésbica assenta-se na preferência em manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo. (LOURO, 2001, p. 544)

É por isso que o discurso importa, que pensar a língua como ferramenta de inclusão é um trabalho de representatividade da comunidade gay. Mais do que dar voz, é também lutar pelo direito de tê-la. “A teoria queer permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.” (LOURO, 2001, p. 550). Nesse sentido, Louro nos traz que

a teoria queer quer nos fazer pensar queer (homossexual, mas também “diferente”) e não straight (heterossexual, mas também “quadrado”): ela nos obriga a considerar o impensável, o que é proibido pensar, em vez de simplesmente considerar o pensável, o que é permitido pensar.(...) O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. A epistemologia queer é, neste sentido, perversa, subversiva, impertinente, irreverente, profana, desrespeitosa. (SILVA, 2000, p. 107 *apud* LOURO, 2001, p. 550)

Desse modo, tentemos definir as formações discursivas com as quais trabalharemos nas análises em seguida. Advindas dessa formação ideológica que é a sexualidade, teremos duas formações discursivas opostas: a da heterossexualidade e da homossexualidade. Na formação discursiva da heterossexualidade se encontram os dizeres heteronormativos, dizeres que se perpetuaram na história como excludentes das minorias sexuais, dizeres preconceituosos, pois colocam o sujeito diferente no campo do desconhecido, anormal.

Já nos dizeres da formação discursiva da homossexualidade, estão os discursos homoafetivos, discursos que buscam a representatividade da comunidade, uma representatividade que naturaliza a identidade desses sujeitos. Praticar a identidade homossexual, nesses discursos, é fugir de estereótipos impostos pela formação discursiva em oposição à esta.

Dividimos as análises dos contos em duas seções que serão apresentadas a seguir. Cada seção é dedicada à apresentar o recorte discursivo elencado para a análise de cada texto, constituído das sequências discursivas numeradas de acordo com a ordem que se apresentam dentro do conto.

2.3.1 O gay em Rubem Fonseca

Breves considerações sobre o conto Colégio

O conto *Colégio* narra a história de um menino magrelo, protagonista da história, que mora no subúrbio e estuda em uma escola pública perto de sua casa. O descaso com a educação é apontado pelo próprio personagem “*Os professores faltam muito. Também ganham uma porcaria e devem ter outros empregos, senão morrem de fome.*” (p. 37). Seus pais trabalham, mas quem trabalha mais, mesmo, é a sua mãe. Rubem Fonseca mantém, neste conto, a linguagem grotesca característica de sua obra.

Na narrativa de *Colégio*, o protagonista vivencia uma cena de homofobia. O espaço em que ocorre é a escola, logo, é entre os estudantes que a cena de violência acontece. É temática do conto a violência, assim como do livro de contos do autor, *Calibre 22*, que reúne 29 histórias com temas como a desigualdade social e suas consequências, quase que sempre trágicas. A violência motivada por racismo, misoginia, homofobia, entre outros e a crítica contra dogmas religiosos e atitudes não previstas de mentes psicopatas são o que constituem as histórias do livro mais recente do autor.

O recorte discursivo: o gay como silenciado

As sequências discursivas que serão apresentadas a seguir constituem o discurso do protagonista da narrativa sobre o episódio de homofobia que vivencia na escola, assim como o discurso dos violentadores. Essas SDs se relacionam no âmbito de que os dizeres remetem a uma posição do sujeito gay em que este é silenciado.

SD1: No meu colégio tem três garotos que andam sempre juntos, a Gangue dos Tiradentes. Dizem: “nós somos a Gangue dos Tiradentes, porque quando brigamos arrancamos os dentes do cara que está brigando com a gente.”

SD2: Um dia eu estava no banheiro quando entrou o Ivo. Ele é veado e não consegue fingir que não é, sabe aqueles trejeitos de mão, a maneira de arrumar os cabelos?

SD3: Eu me dou bem com ele, não tenho nada contra veados, bom, mas não queria ter um irmão veado, nem um primo veado, nenhum veado na família.

SD4: Eu estava no banheiro conversando com o Ivo quando apareceu no banheiro a Gangue dos Tiradentes. “Olha quem está aqui”, disse o Gordo, agarrando o Ivo pelo pescoço.

SD5: Os outros dois, os Parrudos, tiraram a calça do Ivo e começaram a enfiar os dedos no cu dele.

SD6: “Você gosta de levar pica, não gosta”, disse um dos Parrudos enfiando dois dedos no cu do Ivo.

SD7: Ivo chorava. Eu saí de mansinho. Não tive coragem nem de ir falar com seu Libório, da portaria.

O recorte discursivo apresentado traz o discurso do protagonista, o que nos leva a considerar que o gay, na narrativa que se seguiu, não possuiu alguma fala. Com a análise das sequências discursivas é possível colocar o sujeito homossexual apenas no lugar de violentado. O discurso que nos interessa, aqui, é justamente o que o gay está sendo apresentado/citado. Não nos cabe tomar para análise sequências discursivas apenas referentes ao sujeito protagonista e como esse se posiciona.

O recorte trazido começa na SD1, em que está sendo apresentado grupo de violentadores da escola. O grupo é apresentado, no conto, integrado por o Gordo e os Parrudos. São personagens que não possuem nomes, apenas essa caracterização que os denomina como sujeitos com o potencial de, realmente, arrancar os dentes de alguém.

Em seguida, o protagonista narra o fato que ocorreu. Ele conta que estava no banheiro e entrou o Ivo, logo, afirma que esse sujeito é veado. Primeiro, a utilização desse termo remete para o animal, mas pensando nos sentidos em que se utiliza deste para nomear um homossexual, defrontamo-nos com uma construção social que traz o sujeito gay como delicado, lépido e constrói essa imagem jocosa do sujeito.

O termo veado é associado a uma figura passiva, além disso, alvo. Ao contrário do termo *macho*, que designa uma figura masculina com virilidade em que a atividade se destaca de alguma forma ou outra, o termo *veado* é utilizado para colocar o sujeito gay no campo da passividade. Esses dois campos são pensados numa relação do sistema ativo/passivo em que o discurso machista se constrói. Com outras palavras, ativo (o homem macho) é o dominador, seja na relação sexual ou social, o gênero cis que se mantém poder.

Consequente, o discurso da SD2 diz que Ivo “não consegue fingir que não é”, sugerindo que este sujeito deveria conseguir fingir, que esse sujeito deveria vestir uma máscara que não a sua e não assumir a sua verdadeira identidade. É uma

construção de sentido feita que indica que o sujeito gay não deveria “sair do armário”. Aliás, o “armário” quase sempre é o lugar designado para o sujeito homossexual ocupar, é na negação de direitos, não permitindo que o homossexual afirme a sua identidade, que o armário ascende como uma metáfora para o lugar em que a identidade gay deveria estar escondida.

Ainda nessa SD2, são elencadas palavras para generalizar comportamentos e uma identidade gay. Falar em trejeitos com a mão e maneira de arrumar os cabelos desse sujeito, associando com a construção antes feita de não disfarçar quem se é, constrói a figura do sujeito homossexual como afeminado e delicado, apontando para a exclusão da sexualidade homossexual do gênero masculino. Noutra via, quando se entende que Ivo não consegue fingir, significa que esse sujeito está afirmado socialmente e com uma identidade construída. Porém a identidade do sujeito gay está sendo construída no e pelo discurso do outro (do protagonista).

Também dentro desse recorte discursivo, presenciamos um discurso amigável em relação a Ivo. Pois é dito que ele se dá bem com esse sujeito gay, até conversam, são amigos. O sentido que se constrói na SD3 é justamente o contrário de uma relação em que o protagonista aceita o sujeito gay. A utilização da conjunção *mas* nos leva a entender que por mais que se tenha essa aproximação dos sujeitos, o protagonista não aceita a existência de um sujeito homossexual. Na SD3, ele diz que não queria ter um irmão, um primo ou algum membro da família veado. Ou seja, ele não aprova que alguém do seu círculo familiar seja como Ivo.

Esse tipo de discurso excludente é bastante comum nas relações sociais. O gay, em muitos discursos, pode existir desde que não seja em uma proximidade tão grande quanto no laço consanguíneo familiar. É uma aceitação presente em um discurso, mas que engana, pois ao utilizar a conjunção dita é como negar o foi dito anteriormente. Logo, há, sim, algo contra os veados. O fato de não concordar com um familiar sendo gay é um discurso homofóbico no sentido em que não permite a existência desse sujeito no espaço familiar. Permitir a existência do homossexual apenas em alguns espaços e relações não é permitir uma existência.

As SDs 4, 5 e 6 retratam uma cena de violência sexual e de homofobia. O discurso mostra o que muitos homossexuais sofrem, como apontam dados de

pesquisas⁴. Nessas sequências discursivas quem sofre a truculenta ação e violenta é Ivo, não é o veado, é um sujeito com nome, com identidade, apesar de que Ivo representa, também, outros gays.

Ivo é agarrado pelo pescoço, suas calças são tiradas e dedos são enfiados em seu ânus. Os verbos utilizados demonstram como a brutalidade do ato se constrói: agarrar, tirar, enfiar. O sujeito gay neste momento não possui algum posicionamento se não o de passivo da ação, os sujeitos ativos na ação são o Gordo e os Parrudos, adjetivos que remetem à figura do homem macho e de masculinidade, opostos a Ivo.

Por fim, na SD7 é possível refletir ainda sobre alguns sentidos. *Ivo chorava*, Ivo foi não só invadido e violentado contra a sua vontade. Ivo foi vítima de homofobia praticada por típicos homens heterossexuais, Ivo não pode contar com a ajuda de ninguém. Em seu discurso, o protagonista sai de mansinho, pois não tem coragem de se posicionar contra o que está acontecendo. Com medo de também ser violentado, prefere guardar o segredo para si. Constituindo assim um silêncio, não só o silêncio da testemunha, como o silêncio da vítima, dos violentadores e de todo o espaço que se constituiu para que o fato acontecesse.

A noção de silenciamento

No sentido em que olhamos para o recorte discursivo anterior e entendemos que o sujeito, ali, se encontra numa representação da posição-sujeito em que a voz não lhe é atribuída. Cabe, aqui, trazermos a noção de silenciamento apresentada por Orlandi.

Orlandi traz em seu texto, as formas do silêncio, reflexões que procuram definir o modo como as diferentes formas de silêncio trabalham os processos de produção de sentidos. Para a autora, a linguagem se funda no permanente movimento entre processos parafrásticos e polissêmicos. “Dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido.” (2007a, p. 94). Nesse movimento, também, se forma a base da relação censura/resistência.

Na perspectiva de observar o silêncio, Orlandi (2007a) aponta os seguintes princípios:

⁴ Ver <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/8528204/4225954/DossieLGBT1.pdf>.

1. O silêncio não fala, ele significa. É pois inútil traduzir o silêncio em palavras; é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos.
2. Considero pelo menos duas grandes divisões nas formas do silêncio: a) o silêncio fundador; e b) a política do silêncio. O fundador é aquele que torna toda significação possível, e a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. A política do silêncio distingue por sua vez duas subdivisões: a) o constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente); e b) o local (a censura).
3. O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s).
4. O silêncio e o implícito não são a mesma coisa. (ORLANDI, 2007a, p. 102)

Nesses princípios pensados, sugere-se que uma das maneiras de observar o modo de significar o silêncio é pensar a ligação que tem com a função da autoria. Segundo Orlandi, o autor é o sujeito que sabe que há um interlocutor e que tem compromisso com a clareza e coerência do texto. Logo, o autor do texto, do discurso, é o responsável pelos sentidos ali sustentados. Assim, Orlandi procura em seu estudo compreender o silêncio relacionando-o à questão da autoria e da censura.

Desse modo, “A censura tal como a definimos é a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições.” (ORLANDI, 2007a, p. 104). Logo, o sujeito é impedido, em uma relação com o dizível, de se identificar com certas regiões do dizer. Trazendo essas considerações para o âmbito deste estudo, podemos dizer que, no recorte discursivo apresentado, o gay representado só é permitido a ocupar uma posição-sujeito em determinada formação discursiva. Essa posição-sujeito passiva, por se encontrar submetida aos dizeres de uma formação discursiva não homoafetiva constrói a imagem do gay numa relação de censura com o discurso, como também cria um estereótipo.

A circulação de sentidos é apontada por Orlandi (2007a) repensando a função do senso comum, do consenso, do estereótipo. “Em nenhum dos casos trata-se da oposição entre sentido verdadeiro e sentido falso, mas do sentido imposto e do sentido recusado, sejam quais forem.” (ORLANDI, 2007a, p. 109). Acerca do conceito de estereótipo, a autora traz:

Compreendendo pois a produção desse efeito, pela análise de discurso, podemos também compreender que, nessa relação imaginária, em certas condições, o estereótipo é o lugar em que o sujeito resiste, em que ele encontra um espaço para, paradoxalmente, trabalhar sua diferença e seus

outros sentidos. É uma forma de proteger sua identidade no senso comum, pois o estereótipo cria condições para que o sujeito não apareça, diluindo-se na universalidade indistinta. (ORLANDI, 2007a, p. 126)

Pensando que o estereótipo é um sintoma de que o sujeito tem um problema em relação com o dizível, é preciso entender como isso está funcionando dentro do recorte discursivo já apresentado. É justamente pelo ato da censura, do sujeito não poder dizer, que um estereótipo se cria. Esse se constrói no discurso sobre o sujeito, logo, esse sujeito não é capaz de afirmar sua identidade (real) e vive em um limbo onde dizeres são construídos para que sua posição-sujeito se encontre no lugar que pode não ser desejado.

O discurso em que assume o homossexual como veado, não deixa espaço para que outro sentido seja construído acerca desse sujeito, para que o próprio sujeito, em seu discurso, possa tomar outra posição-sujeito, a que realmente deseja. Enquanto isso, o imaginário do senso comum toma conta, é uma censura dos dizeres que essa outra posição-sujeito poderia tomar. Além disso, uma única identidade é demarcada para esse sujeito gay, o que compete ao diálogo sobre gênero e sexualidade antes tratado, pois veado está colocando o sujeito em uma posição-sujeito dentro de uma formação discursiva heteronormativa, ao tempo em que traduz para o homossexual, o termo veado, por se dizer, afeminado (mulher).

Essa significação de que o gay é feminino (mulher, em uma relação de gênero binária) também pode ser entendida como “o silenciado tem uma materialidade histórica presente nos mecanismos de funcionamento dos discursos e em seus processos de significação.” (ORLANDI, 2007a, p. 131). Com isso, entende-se que no recorte discursivo apresentou-se, mais uma vez, um discurso de senso comum, que estereotipa o sujeito homossexual e, ainda, não abre espaço para que este sujeito se constitua em uma diferente identidade, podendo, dessa forma, se posicionar enquanto sujeito e lutar pelos seus direitos, pelo reconhecimento que deseja.

Assim funciona o discurso dos que são pró-direito LGBT. Num geral, se assume a postura de que o gay tem direito. Tem direitos de ir e vir, de viver feliz e de gozar de todos os seus direitos enquanto sujeitos da cidadania. Mas o gay, mesmo que lute, nunca é o que consegue dizer “eu tenho o direito” e esse direito ser cumprido. O direito para os LGBTs só é cumprido quando alguém que está superior

a este, no caso o hétero, decide afirmar em seu discurso que a comunidade LGBT tem direito.

2.3.2 O gay em Caio Fernando de Abreu

Breves considerações sobre o conto Terça-feira gorda

O conto intitulado *Terça-feira gorda* traz o relato homoerótico do protagonista que encontra outro homem em uma noite de carnaval. A linguagem apresentada é bastante poética e nos revela não só a dor referente à perda do outro, decorrente do fato de ambos romperem as fronteiras da heteronormatividade na sociedade em que se apresentam, mas também a dor de ocupar a posição de sujeito homossexual.

A principal crítica que a temática do conto levanta é a social em relação ao preconceito, repressão sexual e homofobia. O conto se encontra na parte do livro *Morangos mofados* que se intitula *O mofo*, o que sugere, pelos textos apresentados, uma crítica social,

uma metáfora para a putrefação dos morangos e o mascaramento de parte da sociedade, em que muitos indivíduos usam máscaras para disfarçar seu caráter preconceituoso, violento e opressor, enquanto outros, que têm coragem de não vestir máscaras, são vítimas de ações violentas e repugnantes. Nesta perspectiva, “Terça-Feira Gorda” está denunciando um lado conservador e repressor da sociedade, em que o “mofo” é o elemento que demonstra o caráter opressor e violento do contexto social. (PORTO, 2002, p. 7 *apud* CAMARGO, 2010, p. 2)

A relação homoafetiva e de atração se constrói durante toda a narrativa como algo natural. É representada numa estrutura que barra a identidade do homossexual como algo anormal e/ou bizarro.

O recorte discursivo: dois homens de verdade

As sequências discursivas a seguir representam os dizeres das duas partes interlocutoras no conto, uma, o protagonista homossexual e seu par; a outra, a sociedade violenta e repressora. A relação estabelecida nessas SDs é justamente a de, em um lado, apresentar-se um discurso homofóbico; noutro lado, os sujeitos homossexuais se constituindo representativamente enquanto homens atraídos um pelo outro.

SD8: De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também.

SD9: Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto.

SD10: Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se mistura-vam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

SD11: Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero.

SD12: Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.

SD13: Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

SD14: Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar.

SD15: Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval.

SD16: Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha.

SD17: A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completá-vamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar.

SD18: Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gri-tei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta.

SD19: Ai-ai, grita-vam, olha as loucas.

SD20: Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia mo-lhada, os outros todos em volta, muito próximos.

É possível dividir as sequências discursivas em pelo menos três momentos, o primeiro seria a aproximação desses sujeitos, os olhares se cruzando e o desejo acendendo. O segundo é o momento mais sexual, da conjunção carnal entre os dois, cena a qual o protagonista insiste em repetir que é verdadeira. E o terceiro é o truculento momento da violência e violação desses corpos, da repressão social, do preconceito sendo perpetuado.

O recorte discursivo começa com a SD8, em que os sujeitos estão num momento de aproximação, um flerte. O sujeito conta que o outro estava pedindo confirmação. Isso mostra que há uma delicada aproximação, não é simplesmente se aproximar como se um tivesse certeza da orientação sexual do outro. É necessário que, antes que isso aconteça, um primeiro flerte entre olhares e sorrisos aconteça.

A sequência discursiva em seguida, SD9, demonstra o quanto se constrói para os sujeitos a relação deles. É um desejo de estar cada vez mais perto, os corpos cada vez mais colados. A palavra corpo é utilizada para reduzir todos os sentidos de gênero e sexualidade, o corpo aqui é entendido somente como carne, como espaço de prazer. Noutras palavras, não importa a identidade sexual ou de gênero desses corpos, o que importa é que são dois corpos que se desejam e isso basta.

É na SD10 que essa noção de serem apenas corpos é melhor entendida. A construção da cena, ao narrar, cria imagens de dois homens com características masculinas padrões, possuem pêlos. Em seguida, no intuito de reforçar essa noção de masculinidade e de que são dois corpos masculinos juntos - um desejando o outro - o protagonista utiliza a expressão “*e não parecia bicha nem nada*”, corroborando para construir o sentido da masculinidade presente nos dois corpos. O significado que perpassa a palavra *bicha* é o mesmo de *veado*, discutido na análise anterior.

Ainda, há o enunciado, novamente, de que são dois corpos de homens gostando um do outro. O sujeito se posiciona utilizando o pronome *eu* e mostra uma construção plena de sua identidade ao utilizar também o pronome *meu* para definir quem ele é e o que o pertence. No caso, o sujeito ocupa uma posição-sujeito masculina e que possui um corpo masculino. Ademais, o ponto aqui é a construção de um sentido que significa a normalidade da homoafetividade que, quase sempre, é vista socialmente como algo anormal. Além, o gay, nessa SD, toma a palavra para subjetivar-se e toma posição no interior da FD homoafetiva, que entende o comportamento desses sujeitos como algo socialmente natural.

Na SD11, os sujeitos ocupam as posições-sujeito de *eu* e *ele* e afirmam um querer o outro. O querer é marcado não só pelo verbo, como também, ao utilizar a expressão corpo de homem, sugere o sentido que já vem sendo discutido. Marcar esse corpo como masculino é construir o sentido de que o corpo do homem homossexual não deixa de ser mais ou menos masculino por conta de sua sexualidade. É um intuito de romper com uma construção social de que o gay ocupa uma posição feminina, ou seja, uma identidade de gênero feminina.

Logo, essa dita construção pode ser percebida na SD12, em que o casal é chamado de *loucas*. Faz-se uso de sujeito indeterminado, *olhavam*, possibilitando que se entenda que quem estava ao redor do casal observava a cena, não só isso, o olhar aqui cria o sentido de olhar com estranhamento. É um estranhamento com o casal homoafetivo, pois olhavam para eles por causa disso, de serem dois homens juntos e nada mais. Também, ao utilizar o adjetivo *loucas*, além de dar um sentido feminino, associa-se ainda a palavra à histeria, que em uma construção sócio-histórica coloca o gênero feminino em par de desigualdade em relação ao masculino. Constrói-se um sentido de problemas nervosos e uma invalidação, justificando o poder masculino sobre o feminino em uma dada política sexual⁵.

Nas sequências 13 e 14, dá-se início a uma violação desses corpos. Ali não é espaço para que estes sujeitos se apresentem. Desse modo, *empurravam* e *repetiam* as falas homofóbicas. É mais um momento em que existir e ser quem

⁵ De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu, o discurso social construído a partir das diferenças biológicas dos sexos gera um poder simbólico que naturaliza a violência. Assim, a reafirmação da mulher enquanto histórica, incapaz ou sem controle de si, a partir de suas características físicas, é uma ferramenta que legitima a dominação masculina. Disponível em: https://medium.com/@maravs_thaisa/voc%C3%AA-perdeu-o-controle-como-o-estere%C3%B3tipo-da-mulher-louca-refor%C3%A7a-a-desigualdade-de-g%C3%AAnero-5e91a9a75f9f. Acesso em abr. 2019.

realmente é não acontece com a facilidade que aconteceria para um sujeito heterossexual. Nesse discurso, presenciamos a negação de existência do casal homoafetivo naquele espaço. Ali, eles são estranhos, possuem um comportamento anormal e, por isso, justifica-se a exclusão desses sujeitos, *veados*, desse espaço predominantemente heterossexual.

É na SD15 que o sujeito se dá conta de que talvez eles eram aquilo que estavam os chamando. O fato de não usar máscara sugere que eles estavam sendo quem eles são. É uma afirmação da identidade enquanto pessoa, enquanto sujeitos homossexuais. Ainda, pensando na construção de sentido que se vem fazendo acerca do recorte discursivo, nessa SD o sujeito parece não se importar com os termos que estavam sendo referidos a eles, como *veados*, na SD14. De um lado, há o reconhecimento enquanto veado, mas um novo sentido para essa palavra (diferente do primeiro recorte discursivo). Pois, nesse momento, o sujeito além de poder se afirmar enquanto veado, ele diz que é um homem, que possui um corpo de homem. Logo, se ser homem homossexual é ser veado, eliminando - neste recorte discursivo - a noção de que é ser um animal frágil, alvo de caça, então o sujeito toma posição de que é veado.

Porém, a noção não pode ser totalmente descartada. Sendo assim, é possível perceber que essa construção linguística vai, também, justificar o ataque homofóbico em seguida. Ao tempo em que o sujeito percebe a identidade que lhe é atribuída, ele também percebe o quão perigoso isso pode ser.

Não usar máscara e ser a versão verdadeira do que se é faz com que o sujeito reflita sobre a condição em que se encontra. O mesmo assume que é proibido ou perigoso não usar máscara, ou seja, ser gay é proibido ou perigoso. Então, ele utiliza uma materialidade significativa adicionando mais sentido à sua construção. Ao utilizar *ainda mais* no carnaval, o sujeito identifica que é perigoso não só ser gay, mas é ainda mais perigoso ser gay no carnaval, estar frequentando um espaço de festejo em que diferentes grupos, héteros ou não, se encontram. Ainda, É possível que essas pessoas ao redor estejam sob diversos efeitos de bebidas alcólicas, o que poderia desencadear uma violência por conta da inibição de alguns sentidos, assim como a coragem de tomar posição de quem se é. Nesse caso, o gay pode ser ele mesmo, mas o homofóbico também.

Nessa construção de sentidos em que não se usa máscara e se revela quem se é, apresenta-se, no recorte discursivo, uma SD que mostra uma sociedade

homofóbica se revelando. Também, na continuidade de afirmar-se enquanto sujeito homossexual, as sequências discursivas 16 e 17 constroem sentidos sobre uma relação homoafetiva retratada sem estereótipos. É o sujeito gay falando como se sente, como se vê, e retratando o amor envolto pelos dois.

Nessas sequências, algumas materialidades significantes chamam a atenção para a construção do sentido de normalidade da relação homoafetiva. Primeiro, o sujeito usa como argumento de que é real o que ele vive a construção *cara de verdade*, significando que o momento não é imaginário e que, sim, ambos estão ali vivendo o amor/a afetividade. Em segundo, essa realidade vivida se acende ainda mais quando o sujeito diz que se completavam, *o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro*.

Desse modo, revive a lenda da metade da laranja, da alma gêmea, em que dois sujeitos apaixonados são dois corpos que se unem para formar um só. Quando pensa-se na metade, observamos a noção de incompletude, de que outra metade falta. Logo, um é a metade faltante do outro, ambos se completam. Pensando, dessa forma, numa relação homoafetiva, o sujeito gay se encontra, no discurso, completo por encontrar alguém como ele.

Na impossibilidade dessas metades estarem juntas, as SD18 e SD19 apresentam uma sociedade desprovida de máscaras, também, em que o preconceito fala mais alto e se materializa como uma ferramenta da proibição da homoafetividade existir. *Vieram, eram muitos, estavam todos em volta, gritavam* e o *pontapé* são materialidades utilizadas no discurso para descrever a ação truculenta da violação desses corpos.

Novamente, é utilizado um discurso que não identifica quem é o sujeito violentador. O caso de, na sintaxe, utilizar o sujeito indeterminado, nos remete a construir uma noção de que ali se apresenta uma sociedade como um todo, não todos da sociedade, mas a sociedade homofóbica. Além da violência física, há também a violência verbal.

Por fim, enquanto uma metade da laranja foi destroçada, o que resta para a outra é tentar sobreviver. O sujeito se vendo na situação em que se encontrava percebe que não há mais muito o que fazer além de tentar proteger a sua vida. Ainda, apesar do que aconteceu, de toda a violência e violação, encontramos no discurso que o sujeito violentado não possui nenhuma culpa, entendendo que ele não se sente culpado por ser quem é. Ou seja, o sujeito consegue ocupar uma

posição-sujeito em que não vê pecado e nem anormalidade em sua orientação sexual, não identifica qualquer tipo de problema em estar em uma relação homoafetiva e, por último, não revida a violência sofrida pelos *homens* preconceituosos que o violentaram, o que também, de certo modo, poderia ser compreendido, o não revidar, como uma espécie de aceitação das coisas como elas são.

A representatividade presente na representação posição-sujeito

Neste recorte discursivo, percebe-se a posição do sujeito no que se refere a dizer-se homem, num padrão mais normativo, se distanciando da posição-sujeito ‘bicha’, que é a identidade mais discriminada na sociedade. O sujeito se distancia dessa identidade advinda de uma formação discursiva em que regras de comportamento social, de acordo com seu gênero e sexualidade, devem ser heteronormativas, justamente para evitar sofrer as violentações que os sujeitos que se desidentificam dessa FD sofrem.

Aqui, a posição-sujeito que se apresenta é a do sujeito que aceita a sua sexualidade livremente e vive ela “no calor da pele”. Esse sujeito está mostrando que a expressividade gay não é um padrão, que o gay pode ter diferentes trejeitos e que os trejeitos podem se aproximar da normatividade. Isso em uma intenção de representar uma relação homoafetiva também com naturalidade, como se não fugisse da regra heteronormativa e nem se destoasse da mesma.

As marcas linguísticas de ‘eu’ e ‘ele’ se aproximam quase que com a mesma fala. A representação é de dois sujeitos que se unem, se unem em corpo, se unem em mesmas posições-sujeito e formação discursiva, ou melhor, no mesmo discurso. Pois eles convergem no que diz respeito aos seus discursos. Os dois sujeitos, na narrativa, se querem. Esse desejo é expresso nas SD’s antes discutidas. Esses dois sujeitos são representados com naturalidade, ainda, como representações de gênero masculino que não fogem da regra social determinada em que homem tem que ter “jeito de homem”, ser masculino, viril. O gênero masculino, nos dois casos, é marcado para justificar a homoafetividade e desconstruir a noção de que um indivíduo do casal gay é feminino e/ou faz o papel de mulher.

Desse modo, pensamos na representação da posição-sujeito gay dentro do discurso advindo do recorte discursivo com as sequências discursivas antes

estudadas. Essas representações da posição-sujeito estão expressas, como dito, em “eu” e “ele”. Essas materialidades significantes surgem de um discurso *sobre*, pelo fato de o discurso em análise se referir a um discurso literário. Desse modo, esse discurso *sobre* é capaz de marcar noções de um discurso *de* enquanto essas representações da posição-sujeito se posicionam na materialidade discursiva.

Desse modo, tomamos das sequências discursivas as representações da posição-sujeito (RPS) para que se compreenda o sentido construído acerca da representatividade gay implícita no texto. As RPS's são as seguintes:

RPS1: Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam. Veados, a gente ainda ouviu.

RPS2: A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito [...].

RPS3: Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. [...]. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens.

O casal resolve se retirar da multidão justamente porque os gritos de negação não permitiam mais que ali eles fossem eles mesmos. Na RPS1 observa-se que o outro, o discurso dele, advém de uma formação discursiva preconceituosa, em que muitos padrões não foram desconstruídos. Esse sujeito, que ali fala “olha as loucas”, adjetiva o casal, dando a ideia de que o comportamento gay é doentio, visto que a loucura é uma patologia das faculdades mentais. Também, os outros observavam o casal, olhavam. Partindo do pressuposto de que só olha, encara, observa algo que parece fugir à regra, essa sequência discursiva põe o casal gay em uma posição sujeito de desidentificação, porém é desidentificado em relação a eles, os que olhavam, os que gritavam, os homofóbicos.

Ainda, discurso preconceituoso daqueles se mantém, eles chamam o casal de “veados” na tentativa de ofensa e discriminação. Aqui, o casal se posiciona enquanto um só, sendo “a gente”. Essa posição sujeito de união é observada também na RPS3, em que o casal está junto à beira mar aproveitando as boas sensações que o amor lhes traz. No discurso dessa sequência os sujeitos se posicionam enquanto um só, dois corpos unidos, cada corpo sendo a metade de um só, do casal gay, e a vontade expressa na materialidade discursiva do verbo querer.

Após analisar essas sequências discursivas, compreende-se o quanto o casal homoafetivo não se vê como diferente. O quanto eles se sentem à vontade com quem são e o que estão fazendo, ademais, os dois não se identificam com o que os outros dizem. Além disso, pensando a literatura de Caio como um espaço de resistência, a luta do casal, no discurso, não é simplesmente de se não diferenciar, mas também é a luta de não ser visto assim, como o diferente, com anormalidade. Ao passo em que no discurso ‘deles’ têm as materialidades de “loucas, veados”, no discurso de ‘eu’ e ‘ele’ há as marcas de identidade gay formadas não de acordo com o que os outros pensam, mas uma verdade e naturalidade deles mesmo.

No contraste, ao final da história, após toda a consumação amorosa de que o casal gay usufruiu, tem-se a cena de violência. A RPS3 exemplifica como este sujeito, eles, é posicionado dentro da formação discursiva da sexualidade e que se desidentifica da posição-sujeito homoafetiva.

As materialidades linguísticas que marcam a posição de ‘eles’ são os verbos conjugados na terceira pessoa do plural: vieram, eram, estavam, gritavam; também na denominação de quem estava os violentando: os homens, que não sentiam nenhuma culpa no que acabaram de fazer. Diversos podem ser os fatores para que os homens, eles, tivessem violentado o casal. Mas o modo como se vem analisando as sequências discursivas possibilita que entendamos a violência motivada pelo preconceito, discriminação, a homofobia. De novo, o adjetivo de ‘loucas’ se repete, outro ponto de análise é que tratam os homens gays no feminino, o que eles no próprio discurso não se identificam dessa maneira.

Um integrante do casal consegue fugir, o outro é assassinado. Observa-se, ainda, na SD, que ele não sentia nenhuma culpa; ele não sentia nenhuma culpa pelo que estava fazendo, por ser quem era, por amar. Já *eles* se materializam além de tudo como uma ferramenta que massacra o outro, que destrói uma unidade ‘a gente’. Nessa RPS3 o casal gay, *eu* e *ele*, são desidentificados de uma forma-sujeito heteronormativa que também se encontra na formação ideológica da sexualidade e por isso sofrem o que sofrem, preconceito.

Concluindo as análises

As análises nos levam a concluir que o imaginário social representado no ficcional sobre o gay se constrói por imagens que vão da homoafetividade a

heteronormatividade. No conto de Caio, essas imagens se constroem enquanto categorias que caracterizam os diferentes sujeitos, de um lado temos a homoafetividade representada pelas posição-sujeito de *eu* e *ele*, noutra lado temos a representação entendida por *eles*. Essas duas imagens são de oposição, elas se desidentificam, assim como as imagens de heteronormatividade.

Numa categoria, temos as expressões no campo do relacionamento e de como se relacionar, do que é certo para um e errado para outro. Na outra categoria, temos as representações no campo do ser, ambas constituem as identidades, a gay e a hétero, identidades expressas nas imagens dentro do discurso que divergem.

Tendo isso em vista, as posições-sujeito aqui analisadas então em contraste com essas duas categorias. Em *eu* e *ele*, o gay se relaciona com naturalidade, não se vê como diferente, já para *eles*, a homoafetividade é algo a não ser identificado e por isso a discriminação. No campo do ser, *eu* e *ele* se tornam um - *a gente*, e se constituem como homens (gênero masculino socialmente construído), mas o discurso deles não basta para ser ouvido, pois temos em '*eles*' o discurso sobre o '*a gente*', o discurso de uma posição-sujeito expresso na modalidade de desidentificação. Em outras palavras, os outros veem os gays como loucas, anormais, uma fuga à regra da heteronormatividade.

Essa visão também pode ser presenciada no conto de Rubem, em que o preconceito e a violência são motivados somente pela orientação sexual do sujeito ali retratado, constituindo, desse modo, a homofobia. Ainda, presenciamos a violação desses sujeitos nos mais diversos espaços, sejam adultos em uma festa de carnaval ou adolescentes na escola, o que instiga as reflexões no campo da educação.

Por fim, parafraseando Verli Petri (2004), gostaríamos de ressaltar que o discurso literário mostrou-se como espaço profícuo para a Análise de Discurso. Ou seja, a representação do real no fictício pode (e deve) servir de espaço para a construção de sentidos com a Análise do Discurso. Desse modo, justifica-se pensar esses sentidos também no que tange a educação. Se por um lado a homofobia está presente no diversos espaços, por outro, há de ser necessária a luta pelo fim desta, também, nos mais diversos espaços de relação da sociedade.

3. REPENSANDO O ENSINO DE LITERATURA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DESTE ESTUDO

Pensando a necessidade antes apontada de se discutir gênero e sexualidade na escola, este capítulo se dedica a formular, pelo menos, alguns sentidos partindo de construções bibliográficas que revisem essa prática. Para tanto, é necessário rever estudos sobre gênero e sexualidade na educação, em busca de compreender a contribuição de uma pedagogia que abra algum espaço para essas discussões. Entender, então, a aula de literatura como um espaço para as discussões sobre as relações de gênero e sexualidade é o objetivo final desse texto.

Assumindo que gênero e sexualidade são conceitos constituintes da identidade do sujeito, cabe compreender como esses conceitos são construídos. Foi somente a partir da década de 60 que a militância de gênero por direitos iguais começa a se desdobrar em aportes teóricos, fundamentando conceitos e conquistando lugares na academia, possibilitando que novas discussões venham à tona e o conhecimento acerca dessas noções se perpetue nos mais diversos espaços.

A preocupação deixa de ser somente social e política e passa a ser, também, acadêmica. Sendo assim, as teorias de gênero e sexualidade ascendem no campo do cientificismo e contribuem para que conceitos que excluem, violam e negam direitos às minorias sociais como as LGBT comecem a ser desconstruídos. Porém, não significa que atualmente os direitos já foram conquistados; pelo contrário, ainda falta muito, haja vista que a homofobia se mantém, ainda, muito presente em nossa sociedade, fazendo, assim, com que a luta pelos direitos seja necessária.

Como aponta Louro (2001, p. 543), em seu artigo sobre Teoria Queer: “A afirmação da identidade supunha demarcar suas fronteiras e implicava numa disputa quanto às formas de representá-la.”. Sendo assim, quando se fala em lutas pela liberdade sexual, se fala numa luta discursiva, uma luta em que os sujeitos possam se ver representados nos diversos espaços sociais e culturais e que os dizeres dessa comunidade tenham valor e bastem para ser ouvidos.

Levando em conta que a representação do homossexual é promovida por vias discursivas dissidentes na sociedade, Louro discute os impactos de uma representação midiática considerada positiva, na qual esse discurso político e teórico que produz a representação “positiva” da homossexualidade também exerce,

é claro, um efeito regulador e disciplinador. “Ao afirmar uma dada posição-de-sujeito, supõe, necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições” (LOURO, 2012, p. 544).

De fato, a mesma representação tem efeitos diversos nos diferentes espaços sociais em contato com a diversidade que a categoria de homens homossexuais compreende. Portanto, é preciso questionar essas representações também, para que as múltiplas vozes sejam contempladas.

Nesse sentido, Louro (2001) aponta para uma pedagogia e um currículo queer. A autora pensa que a Educação é um espaço de normalização e ajustamento, esses não voltados para uma transgressão dos conceitos binários e incontestáveis. Louro busca responder como é possível romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante. Mais além, a autora traz a proposta de como traduzir a teoria queer para a prática pedagógica. Logo, dessa forma, a autora aponta:

Para ensaiar respostas a tais questões é preciso ter em mente não apenas o alvo mais imediato e direto da teoria queer – o regime de poder-saber que, assentado na oposição heterossexualidade/homossexualidade, dá sentido às sociedades contemporâneas – mas também considerar as estratégias, os procedimentos e as atitudes nela implicados. A teoria queer permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação. (LOURO, 2001, p. 550)

Pensando, então, sob o viés da teoria queer, que consideramos que a educação poderia seguir as considerações que na teoria são trazidas. A necessidade de discutir as relações de gênero já vem sendo apontada. O que cabe, agora, é pensar essas discussões na aula de literatura. Dessa forma, o trabalho com a análise do discurso no discurso fictício se justifica, pois o trabalho linguístico-discursivo com as obras possibilita também, mais à frente, pensar o ensino não só da obra enquanto literatura, mas dos sentidos construídos nesse discurso e o ficcional como representação do real. As análises feitas, então, colocam em discussão as formas como a representação posição-sujeito se apresentam e apontam para uma possibilidade de trazer essa discussão para dentro da sala de aula, pois, segundo Louro,

ao colocar em discussão as formas como o ‘outro’ é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para

estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2001, p. 550)

Assim, entendemos que essa discussão à qual a pedagogia queer aponta é possível de ser constituída em todo espaço de ensino de língua e literatura. O discurso fictício, ou o texto, pode ser pensado sob o viés da análise do discurso. Nesse sentido, pensar a noção de leitura para a análise do discurso permite mais contribuições para que essa prática de pensar as relações de gênero e sexualidade seja construída. Para tanto, trazemos as reflexões de Orlandi (2008), que se justifica pela competência de nos apresentar subsídios para a construção de uma prática de leitura crítica e transformadora.

Para a autora os domínios do conhecimento linguístico, pedagógico e social estão integrados em um mesmo fato - a leitura. Definindo, assim, que:

O espaço da leitura escolar exclui da sua consideração o fato de que o aluno convive em seu cotidiano com diferentes formas de linguagem. [...] Se considerarmos a linguagem não apenas como transmissão de informação mas como mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social, a leitura deve ser considerada em seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão. (ORLANDI, 2008, p. 38)

Pensando desse modo, entende-se que o aluno traz a sua compreensão na leitura, ou seja, sua experiência discursiva faz parte do processo de compreender os sentidos que a leitura possibilita. Além do mais, essa experiência se relaciona com todas as formas de linguagem.

Ainda, Orlandi, ao pensar as relações entre aluno-leitor e professor, propõe “uma relação dialética entre aprendiz e professor na construção do objeto de conhecimento, no caso presente, a leitura.” (ORLANDI, 2008, p. 40). Essa relação dialética proposta parte do pressuposto de que o professor é o detentor do conhecimento e o aluno se apresenta como um sujeito que nada sabe. Aí entra, exatamente, a proposta da autora - a de considerar o percurso discursivo (ou seja, sócio-histórico) do aluno como elemento essencial para a leitura realizada em sala de aula.

Por conseguinte, é uma proposta pedagógica que considera o aluno, ou sujeito-leitor, como sujeito da ação também do processo de construção de sentidos do que se propõe no objeto da leitura, o texto. O professor deve ser, ainda, um

mediador desses novos sentidos a serem construídos, pois é o professor o responsável por guiar a leitura e construir reflexões com os estudantes, não se deixando cair, claro, em um discurso pedagógico autoritário.

Acerca do discurso pedagógico, Orlandi (1983) traz algumas considerações. A autora aponta que podem ser distinguidos três tipos de discurso: o discurso lúdico, o discurso polêmico e o discurso autoritário. De acordo com a autora:

O discurso lúdico é aquele em que seu objeto se mantém presente enquanto tal e os interlocutores se expõem a essa presença, resultando disso o que chamaríamos de polissemia aberta. O discurso polêmico mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário, procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizadas pelas quais se o olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada. No discurso autoritário, o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida. (ORLANDI, 1983, p. 9-10)

Desta maneira, a autora caracteriza o discurso pedagógico como autoritário, trazendo considerações acerca da comunicação pedagógica. Em seguida, há a seguinte definição para o que é o discurso pedagógico: “um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola.” (ORLANDI, 1983, p. 21).

Assim, entende-se que o discurso pedagógico não só transmite informação, como funciona na escola entendida como sede de reprodução cultural, de conhecimento. Porém, o discurso é efeito de sentidos e não transmissão de informação, como aponta a autora, e sugere que para o professor não tornar o seu discurso autoritário, que o mesmo transforme o seu discurso em polêmico.

Do ponto de vista do autor (professor) uma maneira de se colocar de forma polêmica é construir seu texto, seu discurso, de maneira a expor-se a efeitos de sentidos possíveis, é deixar um espaço para a existência do ouvinte como “sujeito”. Isto é, é deixar vago um espaço para o outro (o ouvinte) dentro do discurso e construir a própria possibilidade de ele mesmo (locutor) se colocar como ouvinte. É saber ser ouvinte do próprio texto e do outro. (ORLANDI, 1983, p. 25-26)

É nessa relação entre professor e aluno no discurso polêmico que na leitura é possível que o aluno também se construa, não só como sujeito-leitor, mas como sujeito social. Na construção do aluno, também há a possibilidade de o professor se reconstruir. É nesse jogo de considerar as diferentes percepções, diferentes bagagens discursivas e diferentes compreensões que o conhecimento se alicerça em uma noção libertadora e não autoritária.

Por fim, que o discurso pedagógico seja polêmico, que possa vestir o que é vida real. Por isso, a partir de importantes discussões que tangenciam o social, a cidadania, o professor deve ser capaz de permitir a emergência de um sujeito crítico, que seja capaz de refletir sobre as condições de produção de certos discursos e como os sentidos se constroem. Portanto, deveria ser dever do professor não ser autoritário, ou seja, não assumir um discurso autoritário e, sim, pensar com o aluno, utilizando um discurso polêmico.

No viés da pedagogia queer, enquanto o professor assumir um postura em que o discurso polêmico o permeia e possibilitar para o aluno a discussão sobre gênero e sexualidade, o mesmo está possibilitando construções de conhecimentos sociais atuais que perpassam a todos no momento. Assumir um discurso polêmico, no campo do ensino de literatura e trazer as diversas possibilidades de vozes (como as literaturas discutidas nesse trabalho) possibilita a evolução com o conhecimento enquanto sujeitos da cidadania. Cidadãos que se reconhecem como sujeitos de direitos e que fomentam o direito de outros. Desse modo, Louro aponta:

Vistos sob essa perspectiva, uma pedagogia e um currículo queer 'falam' a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos queer. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. (LOURO, 2001, p. 552)

Nesse sentido, de propor o debate que questiona padrões socialmente construídos, no campo das relações de gênero ou não, é possível elencar a literatura como materialidade discursiva em que o aluno fará a leitura (noção antes explorada) e construirá com o professor novos sentidos. Ademais, é necessário que novas proposições para o ensino de literatura sejam discutidas.

Quando pensamos na literatura escolhida a ser estudada e ensinada, pensa-se no porquê deste ser o cânone já eleito e no que implica essa escolha para os estudos antes citados e de que forma pode-se lidar com essa situação. Sabendo que o campo literário brasileiro é um campo de exclusão, como aponta Regina Dalcastagnè (p. 18, 2007), e que nossa literatura é produzida por autores, em maioria, homens cisgêneros, brancos, dos centros urbanos e de classe média e que seus personagens são criados de dentro dessa perspectiva social, assim como as suas representações, o que acontece com os outros autores, os ditos minorias?

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de “literatura” exclui suas formas de expressão. Assim, a definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros. (DALCASTAGNÉ, p. 21, 2007)

Esses autores e autoras, essas vozes que destoam na literatura estão sendo abafadas de diversas formas. A mídia não tem nenhum compromisso com eles, enquanto essas minorias não são publicizadas, o espaço para a circulação da sua imagem, da sua história e vozes não acontece. O grande mercado editorial não as publica. As grandes editoras, responsáveis pela propagação destas produções, não os reconhece, não lhes dá importância. E a academia não abre mão de seu cânone, não dá o devido e merecido espaço para que esses outros autores ascendam.

A representatividade, reconhecer as minorias, começa a se tornar cada vez mais importante nos diversos espaços sociais: dentro e fora da sala de aula do ensino básico e profissional, sendo aluno ou professor, dentro e fora do corpo docente e discente da universidade. Não é representatividade dessas vozes enquanto for o outro falando, julgando e aprovando ou não.

A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, talvez ainda mais do que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira. É o caso da população negra, que séculos de racismo estrutural afastam dos espaços de poder e de produção de discurso. Na literatura, não é diferente. São poucos os autores negros e poucas, também, as personagens – uma ampla pesquisa com romances das principais editoras do País publicados nos últimos 15 anos identificou quase 80% de personagens brancas, proporção que aumenta quando se isolam protagonistas ou narradores. Isto sugere uma outra ausência, desta vez temática, em nossa literatura: o racismo. (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 87)

Os sujeitos pertencentes às minorias comumente não têm lugar acadêmico de fala, e de onde falam, sua autoridade não adquire a potência devida. Apesar do gosto popular, a opinião do crítico literário é que influencia as discussões no ambiente acadêmico, sendo este o responsável e possuidor da dimensão para dar aval para as produções artísticas, a literatura, neste caso.

Dalcastagné (2007) diz que o ato de fazer arte é a sua relação com o mundo, é a forma como se experiencia o mundo. Aí teremos diversas perspectivas, haverá a literatura negra para experimentar como o negro vê e experiencia o mundo, a literatura feminina e a literatura gay, e, claro, as literaturas mais tradicionais, dos cânones já consagrados. Agora, dentro das produções, qual é mais significativa?

Todas são, ou pelo menos, deveriam ser. O grande problema é ter somente uma perspectiva e somente esta reconhecida literariamente.

Existe um escritor reconhecido e aprovado por diversos fatores em torno da literatura: o mercado, a academia e a mídia. Porém, reconhece-se esse escritor como machista e/ou misógino, por exemplo. Logo, este é o momento de, dentro da sala de aula, trabalhar com esta questão. Isto é ser crítico com o que lemos. Conseguir discernir, enquanto professor, o que é realmente importante para o debate dentro da sala de aula. Ao percebermos as vozes que estão sendo silenciadas, temos a capacidade de fazer alguma diferença no trabalho com a literatura e tornar, se não a obra, a discussão representativa para a diversidade de alunos com que lidamos diariamente.

O desafio que fica é o de elencar os temas que permeiam esses grupos marginalizados: racismo, lgbtfobia, misoginia, machismo. Ainda em relação às obras literárias, que seja possível utilizar a literatura como forma de suprir as discussões em torno das discriminações dentro de nosso contexto social. O campo literário sendo identificado como masculino, hétero, branco e de classe média abre o contraponto da nomeação das literaturas produzidas por minorias.

Rubem Fonseca, com a obra *Feliz Ano Novo*, durante os anos de ditadura militar no país, foi censurado pela linguagem grotesca com que escreve. Rubem traz personagens da comunidade LGBT, travestis e a prostituição é tema de um conto, o erotismo e se descobrir gay, em outro. Mas Rubem Fonseca não é gay, e essa voz trazida pelo autor não pode ser legitimada como sendo a real voz da comunidade. Assim como, em análise do conto aqui trazida, se entende o silenciamento representado no discurso literário.

Pelo menos um escritor de minoria, sendo gaúcho, gay, portador do vírus HIV, leitura obrigatória do vestibular da UFRGS com seu livro de contos *Morangos Mofados*, Caio Fernando Abreu, é legitimado como literatura. Em 1970 publica seu primeiro livro. Em 1982 publica *Morangos Mofados* e é premiado como livro do ano pela revista Isto É. Nos anos seguintes, ganha alguns prêmios Jabuti com outros livros seus publicados. Além de seus prêmios e história, ter se tornado leitura obrigatória de vestibular é um forte fator para o sucesso de Caio, exemplo de aprovação pela academia, mercado editorial e mídia.

A literatura produzida pelas minorias é um mundo de descoberta para o leitor, pois são outros pontos de vistas, narradores, personagens, autores. A variedade de

pontos de vistas é o que enriquece a nossa literatura. O que entristece, porém, é que essa literatura não chega a todos. Caio se instaura, nesse trabalho, como uma literatura de resistência, marco de uma luta LGBT pelo direito de ser reconhecido e, além disso, autor representativo da comunidade que inspira o seu leitor e dá voz à comunidade gay.

Importante problematizar e ter um olhar crítico com o objeto que é trabalhado. Analisar a literatura no fio da escrita é maravilhoso e enriquecedor. Mas o silêncio também é importante, os silêncios. As faltas de vozes dentro de determinadas literaturas é um forte debate a ser desenvolvido dentro da sala de aula. Entendendo que o mundo está permeado de pluralidades, faz sentido que a literatura seja mais um campo que está acompanhando essa realidade. Assim, retomemos as noções antes construídas acerca da leitura e da pedagogia queer, e abramos o caminho para os estudos em que as relações gênero e sexualidade estejam presentes na aula de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscou-se, num primeiro momento, construir o aparato teórico advindo da análise do discurso necessário para que as análises se concretizassem. Em seguida, buscou-se entender como o discurso fictício funciona para a teoria com que foi trabalhada e, após realizar a análise dos contos, é possível compreender que vivemos em uma sociedade onde o debate sobre as relações de gênero estão ocupando pouco espaço.

Em um dos contos aqui trabalhados, o de Rubem, o silenciamento do sujeito se apresenta como é em diversos momentos da realidade. O sujeito gay não tem voz, não consegue afirmar sua identidade ao mesmo tempo em que é estereotipado e não consegue lutar contra isso, fomentando uma posição silenciada em que uma formação discursiva heteronormativa o apresenta e não o representa.

Noutro lado, o conto de Caio traz o discurso do gay e representa o tal como poderia ser. Porém, a violência e violação do corpo gay é fator que ocorre nos dois contos e que contribuem para entender que nas relações de gênero e sexualidade, o sujeito homossexual ocupa uma posição inferior ao do heterossexual, quando também não ocupa uma posição erroneamente construída acerca desse sujeito, como anormalidade e/ou doentia.

É por esse viés que este trabalho, que busca discutir a homofobia nos diversos espaços, como no ambiente escolar, justifica-se pela importância de levantar esses debates e legitimar o sujeito homossexual como sujeito de direito. Ainda, legitimar uma pedagogia mais inclusiva, que propõe debates acerca dos estudos de gênero e sexualidade e possibilita que indivíduos mais críticos se formem, é importante para construir uma cidadania solidificada em respeito e reconhecimento ao próximo.

Pensar os discursos nos diversos âmbitos e o quanto esses são representativos se justifica pela necessidade de afirmar a identidade gay. A discussão se faz necessária enquanto a homofobia matar em nome dos que consideram a homossexualidade uma anormalidade.

Dentro desse quadro, a polarização heterossexual/homossexual seria questionada. Analisada a mútua dependência dos pólos, estariam colocadas em xeque a naturalização e a superioridade da heterossexualidade. O combate à homofobia – uma meta ainda importante – precisaria avançar. Para uma pedagogia e um currículo queer não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e

sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados. (LOURO, 2001, p. 550)

Na sala de aula, a possibilidade de somar os conteúdos, de mostrar que há diferentes tipos, diferentes vozes, pode ser contabilizada no cronograma do professor para que seja mais um espaço rico em construção de conhecimento, de respeito e sociabilidade. Por isso, a pesquisa se justifica como um trabalho que cria subsídios para a construção desses espaços, partindo para além do campo filosófico e sociológico, fundamentando-se, também, no campo da Linguística.

Sendo assim, deixamos como apontamento para futuros estudos a questão no que se refere a analisar o discurso dos alunos em relação à aula de literatura, em específico, uma literatura que possibilite discutir a temática da sexualidade. O ponto a que se quer chegar é entender como os alunos se posicionam, no discurso, quando uma aula de literatura com as obras aqui estudadas é desenvolvida e lhes é requisitado que opinem sobre o assunto, os textos e as temáticas, sobre a aula como um todo.

Por fim, cabe mencionar uma última noção que poderia ser pensada neste trabalho, que seria o conceito de *entre*. O *entre* utilizado no título não simboliza um caminho de um lugar ao outro, do silenciamento até a representatividade; também, não é o meio desse caminho. Seria um conceito mais próximo da relação que conecta as duas bordas e permite um ponto onde as duas coisas existem. Nesse sentido, questiona-se: o que está escondido nas bordas/dobras e permite não estar em nenhuma das polaridades?

Remetendo ao conceito de FD heterogênea e entendendo o sujeito como elemento não fechado, que permite permeabilidade de todos os lados e, em especial, com a história e a ideologia, é possível enxergar o *entre* na permeabilidade dos discursos, das formações discursivas. O sujeito, nesse caso, por exemplo, que pode ocupar uma posição de *entre*, é o aluno que, ao tomar um discurso, permite a inquietação de estar permeado de outros discursos e pode tomar diferentes saberes para si. O aluno, em um espaço da pedagogia queer e através do discurso, é capaz de ser o *entre* onde os dois conceitos existem como possibilidade discursiva a gerar novos e possíveis discursos, e não apenas uma permissividade conectiva dos discursos vigentes.

Desta forma, compreende-se que a sala de aula pode se configurar enquanto espaço de debate que possibilita a construção de sentidos nos diversos âmbitos da

sociedade e cidadania. Nesse sentido, é possível construir, na aula de literatura, o debate sobre os temas que tangem a nossa sociedade, como a homofobia e as relações de gênero e sexualidade.

No desenvolvimento desse trabalho, então, foi possível compreender que essas discussões não só constroem novos conhecimentos, como desconstroem noções que excluem e negam direitos a determinados sujeitos. Nesse sentido, trabalhar com a literatura de minoria pode abrir o espaço para que as diversas vozes sejam ouvidas, para que alunos se posicionem acerca das temáticas trabalhadas e se desenvolvam enquanto cidadãos que se constituem enquanto sujeitos de direitos e que permitam que outros também desenvolvam essa noção.

Assim, esse trabalho possibilita que professores tenham, ao menos, algum amparo teórico no sentido que os ajudem a escolher as obras a serem estudadas. As produções de Rubem Fonseca e Caio F. Abreu se apresentam como textos ricos que permeiam diferentes problemas apresentados na sociedade. Nesse sentido, os textos que apresentam a homofobia como temática podem ser utilizados na aula de literatura para criar o espaço profícuo de discussões e construções de sentido acerca das relações de gênero e sexualidade.

Finalmente, pode-se notar que escolher essas obras possibilitam que, ao discutir essas relações entre literatura e sociedade, os alunos sejam capazes de se posicionarem nos debates sobre direitos humanos, violências e violações dos sujeitos, assim, se constituindo enquanto sujeitos da cidadania e do direito capazes de afirmarem as suas identidades, vozes e discursos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Contos completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BECK, Maurício; FONSECA, Rodrigo Oliveira; SANTOS, Aretuza Pereira dos. Recortes discursivos, paradigma indiciário e procedimentos contraindutivos. *In: Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 153-171, jan./abr. 2019.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015.

CASEIRA, Ingrid G. **A (im)proficiência em língua estrangeira: do resumo à tradução, os movimentos da interpretação**. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CAMARGO, Flávio Pereira. Homoerotismo e violência em “terça-feira gorda”, conto de Caio Fernando Abreu. *In: Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Anais Eletrônicos*. Florianópolis: UFSC, 2010.

DALCASTAGNÉ, REGINA. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *In: Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro, 2007.

DALCASTAGNÉ, REGINA. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *In: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 87-110.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 06 mai. 2019.

FERREIRA, Maria Cristina L. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *In: Organon*, Porto Alegre, n. 48, janeiro-junho, 2010, p. 17 - 34.

FONSECA, Rubem. **Calibre 22**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?. *In: FERREIRA, Maria Cristina. INDURSKY, Freda (org.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. *In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. ORLANDI, Eni P. (org.). Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. Campinas: Editora Pontes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *In: Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 2, 2001, p. 541 - 553.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 2007a.

ORLANDI, Eni P. Texto e discurso. *In: Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas: Editora Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Editora Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In: ACHARD, Pierre et al. Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras) – Porto Alegre: UFRGS, 2004

PETRI, Verli. Representação da posição-sujeito na análise do discurso literário: uma proposta de descolamento e suas implicações. *In: MITTMANN, Solange. GRIGOLETTO, Evandra. CAZARIN, Ercília Ana (org.). Práticas discursivas e identitárias*: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prata, 2008.

PORTO, Luana Teixeira. **Morangos mofados, de Caio Fernando Abreu**: fragmentação, melancolia e crítica social. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ANEXOS

Anexo 1 - Colégio, de Rubem Fonseca

Moro no subúrbio e estudo na única escola pública próxima da minha casa. Quer dizer, não é muito próxima, tenho que andar uns quarenta minutos até chegar lá.

Os professores faltam muito. Também ganham uma porcaria e devem ter outros empregos, senão morrem de fome. Na minha casa tem sempre arroz com feijão, carne-seca, e minha mãe faz umas sopas muito boas. Ela me enche de comida, diz que sou muito magro e posso ficar tuberculoso. Eu digo que ninguém mais morre de tuberculose hoje em dia, mas ela diz que tinha um irmão magrelinho como eu que morreu tuberculoso. Isso aconteceu há mais de não sei quantos anos, mas não vou discutir com a minha mãe. Ela trabalha o dia inteiro na casa, nós não temos empregada, e lava a nossa roupa, passa a roupa com um ferro antigo aquecido a carvão, lava o banheiro, a cozinha, e a cozinha fica sempre suja, o banheiro também, e ela faz mais um montão de coisas. Eu vou para o colégio e fico lá coçando o saco. Meu pai é porteiro de um prédio e fica o dia inteiro coçando o saco também enquanto a minha mãe não para de trabalhar.

No meu colégio tem três garotos que andam sempre juntos, a Gangue dos Tiradentes. Dizem: “nós somos a Gangue dos Tiradentes, porque quando brigamos arrancamos os dentes do cara que está brigando com a gente.” Os três são muito fortes, quer dizer, um deles é muito gordo, mas um gordo muito gordo é tão perigoso quanto um magro parrudo. Eu evito passar perto deles. Quando isso acontece eles me empurram e dizem “sai da frente, magrelinho de merda, quer levar porrada?”. Eu me afasto o mais rápido possível. Sou mesmo magrelinho, mas não sou de merda, tenho vontade de dizer isso a eles, mas não tenho coragem.

Um dia eu estava no banheiro quando entrou o Ivo. Ele é veado e não consegue fingir que não é, sabe aqueles trejeitos de mão, a maneira de arrumar os cabelos? Eu me dou bem com ele, não tenho nada contra veados, bom, mas não queria ter um irmão veado, nem um primo veado, nenhum veado na família.

Eu estava conversando com o Ivo quando apareceu no banheiro a Gangue dos Tiradentes.

“Olha quem está aqui”, disse o Gordo, agarrando o Ivo pelo pescoço.

Os outros dois, os Parrudos, tiraram a calça de Ivo e começaram a enfiar os dedos no cu dele.

“Você gosta de levar pica, não gosta”, disse um dos Parrudos enfiando dois dedos no cu de Ivo.

Ivo chorava. Eu saí de mansinho. Não tive coragem nem de ir falar com o seu Libório, da portaria.

Fui para casa, andando lentamente, e pensando, sou um covarde de merda, covarde de merda, covarde de merda. Demorei mais de uma hora para chegar em casa, creio que andava como os covardes andam, devagar, covarde anda devagar ou anda correndo. Eu era um covarde que andava devagar.

Nessa noite não consegui jantar e minha mãe tinha preparado uma carne-seca desfiada, como eu gosto, e também não consegui dormir, fiquei a noite inteira acordado virando na cama de um lado para o outro.

No dia seguinte minha mãe perguntou:

“Que olheiras são essas, meu filhinho?” Virou-se para o meu pai e disse: “Olha as olheiras do nosso filhinho.”

Meu pai olhou para mim e disse:

“Não vejo olheira nenhuma.” Pai não vê nada, quem vê é mãe.

Esperei meu pai sair. Ele fazia a barba com navalha. Demorei a achar onde ele a guardava. Coloquei a navalha no bolso.

Nesse dia cheguei no colégio em aproximadamente meia hora.

Fui direto para o banheiro e fiquei lá, eu sabia que a Gangue dos Tiradentes ia acabar aparecendo.

E foi o que aconteceu.

“Olha só quem está aqui”, disse o Gordo me agarrando pelo braço, “o magrelinho de merda”.

Eu tirei a navalha do bolso e dei um leve corte na bochecha do Gordo. Ele recuou, assustado. Os dois Parrudos também recuaram.

“Seus filhos da puta”, eu disse, “com essa navalha já matei dois, está na hora de matar três”, e avancei para cima deles.

“Pelo amor de Deus”, implorou o Gordo, apavorado, “não faz isso com a gente”.

Dei outro corte na outra bochecha dele.

Desta vez, gritei, “não vou matar vocês, mas se sacanearam mais uma vez o Ivo, uma vez apenas, eu corto a garganta dos três”.

Dei uma navalhada na roupa dos dois Parrudos. Eles ficaram imóveis, encagaçados. Esses caras que gostam de sacanear veados, hostilizar magrelos etc. são todos covardes.

“Lembrem-se do que eu disse. Vou falar com o Ivo todos os dias, se eu souber que vocês chegaram perto dele, apenas perto dele, eu mato vocês, seus filhos da puta.”

Eles nunca mais chegaram perto do Ivo.

Nem de mim.

Anexo 2 - Terça-feira gorda, de Caio F. Abreu

Para Luiz Carlos Góes

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, lansã com pur-purina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto.

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembraríamos antes de falar, talvez também nem depois. Só que não havia palavras. Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se mistura-vam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.

Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha. Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado cheio de grãos. Você sabia, eu falei, que o figo não é uma fruta mas uma flor que abre para dentro. O quê, ele gritou. O figo, repeti, o figo é uma flor. Mas não tinha importância. Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, eu quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele. Estendi a língua, engoli. Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar. A música era só um tumtumtum de pés e tambores batendo. Eu olhei para cima e mostrei olha lá as Plêiades, só o que eu sabia ver, que nem raquete de tênis suspensa no céu. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval.

A mão dele apertou meu ombro. Minha mão apertou a cintura dele. Sentado na areia, ele tirou da sunga mágica um pequeno envelope, um espelho redondo, uma gilete. Bateu quatro carreiras, cheirou duas, me estendeu a nota enroladinha de cem. Cheirei fundo, uma em cada narina. Lambeu o vidro, molhei as gengivas. Joga o espelho pra lemanjá, me disse. O espelho brilhou rodando no ar, e enquanto acompanhava o vôo fiquei com medo de olhar outra vez para ele. Porque se você

pisca, quando torna a abrir os olhos o lindo pode ficar feio. Ou vice-versa. Olha pra mim, ele pediu. E eu olhei.

Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia. Te conheço de algum lugar, cara, ele disse, mas acho que é da minha cabeça mesmo. Não tem importância, eu falei. Ele falou não fale, depois me abraçou forte. Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha. A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. Feito dois figos maduros apertados um contra o outro, as se-mentes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nos-sos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completá-vamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade per-dida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gri-tei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, grita-vam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá

em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se con-tra o chão em mil pedaços sangrentos.